



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÃO PEDAGÓGICA

MARIA ARAÚJO DOS SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA A SUPERAÇÃO DAS  
DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA**

JOÃO PESSOA/PB  
2017

MARIA ARAÚJO DOS SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA A SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES  
NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em  
Pedagogia, do Centro de Educação, da Universidade  
Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção  
do Grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Esp. Isolda Ayres Viana Ramos

JOÃO PESSOA/PB

2017

S237i Santos, Maria Araújo dos.

A importância da afetividade para a superação das dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita / Maria Araújo dos Santos. – João Pessoa: UFPB, 2017.

55f. : il.

Orientadora: Isolda Ayres Viana Ramos  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –  
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Afetividade. 2. Dificuldade de aprendizagem. 3. Leitura. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.015.3(043.2)

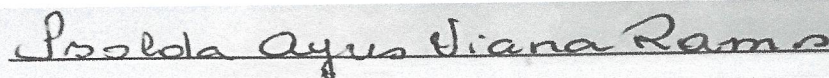
MARIA ARAÚJO DOS SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA A SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES  
NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

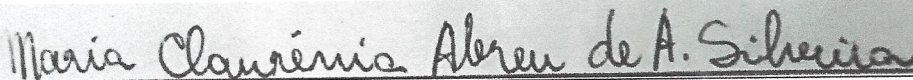
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em  
Pedagogia, do Centro de Educação, da Universidade  
Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção  
do Grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em Dezembro de 2017

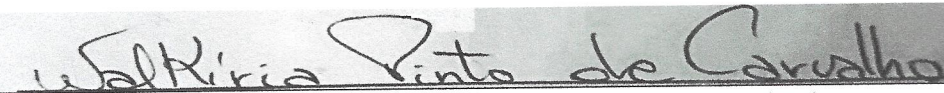
BANCA EXAMINADORA



Profª Esp Isolda Ayres Viana Ramos - Orientadora



Profª Dra Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira - Examinadora



Profª Dra Walkiria Pinto de Carvalho - Examinadora

Aos meus familiares e amigos que sempre me apoiaram nessa caminhada e aos professores/as que contribuíram com o conhecimento para a minha vida pessoal e profissional, dedico.

## **Agradecimentos**

A Deus pela a sua infinita bondade, por permitir o dom da vida.

Ao meu pai José Medeiros Araújo, que tanto tem me ensinado dando exemplo de vida com dignidade e honestidade humana,

A minha mãe Teresa Medeiros Araújo (*in memorian*), mas que deixou exemplo de vida para ser vivido e seguir em frente.

Aos meus filhos/a Erasmo Araújo dos Santos, Jacques Araújo dos Santos e Regina Araújo dos Santos, a meus netos Eduardo Ryan dos Santos Monteiro e Gabriel dos Santos Monteiro por estarem sempre me apoiando e incentivando para conclusão deste curso.

A minhas noras, Ana Lúvia Farias Santos e Sueiko Aparecida da Silva Santos pelo carinho e dedicação.

A todas da turma por terem me acolhido com carinho e dedicação na sala de aula, mas em especial a Benedita Cesária, Daiane Barbosa da Souza Vasconcelos, Elenice Guilherme da Silva, Fabiana de Pontes Silva, Laís Moraes, Lavínia, Lissandra Cavalcante, por me apoiarem nos momentos mais difíceis da minha trajetória na UFPB.

A Sr<sup>a</sup> Magna Coelli Paulino Guedes por ter me incentivado a retomar os estudos, pois independente da idade nunca é tarde para buscar o conhecimento.

A professora Isolda Ayres Viana Ramos, minha orientadora pela sua dedicação, atenção e disponibilidade com que me orientou.

A Sr<sup>a</sup> Wilma dos Santos Lima por ser capaz de superar os obstáculos com força de vontade e dedicação.

A Hellem Lima Lira pela a sua contribuição no início deste trabalho, mas por motivo pessoal não pode fazer parte desta conclusão.

*O afeto influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, uma vêz que, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade. Ele é um regulador da ação, influenciando na escolha de objetivos específicos e na valorização de determinados elementos, eventos ou situações pelo indivíduo.*

DAVIS, 1994

## **RESUMO**

Este trabalho tem como tema “A importância da afetividade para superação das dificuldades na Aprendizagem da leitura e escrita” cujo objetivo foi compreender como aspectos da afetividade podem influenciar os alunos para a superação das dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita. A base teórica do trabalho foi ancorada na teoria walloniana e nos pesquisadores que se basearam em sua obra, notadamente no que se refere à afetividade fazendo-se presente na sala de aula entre o educador e o educando, para que haja uma interação entre ambos, no desenvolvimento da aprendizagem, já que em certos casos muitos educandos são afetados por essa carência afetiva no ambiente em que estão inseridos. Portanto, a importância do educador demonstrar seu afeto no processo de ensino e aprendizagem, contribui para um melhor entendimento por parte dos educandos transformando a convivência em momentos agradáveis e prazerosos na construção do saber. A pesquisa foi bibliográfica e qualitativa e foi realizada através da coleta de dados, além da observação, foi utilizado o questionário semiestruturado que foi aplicado com as educadoras do 4º e do 5º ano do Ensino Fundamental, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Monsenhor Odilon Coutinho, no município de João Pessoa, Chegamos à conclusão que o educador pode contribuir para a melhoria da qualidade de ensino refletindo em suas ações ao desenvolver sua prática pedagógica, pois sabe-se que, quando o ambiente é acolhedor, contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança facilitando as relações interpessoais, fazendo com que ela seja fortalecida com laços afetivos, superando as dificuldades no dia a dia.

**Palavras-chave:** Afetividade. Dificuldade de Aprendizagem. Leitura. Escrita.



## **ABSTRACT**

This work has the theme “The importance of affectivity to overcome difficulties in reading and writing learning”, whose objective was to understand how aspects of affectivity can influence students to overcome difficulties in reading and writing learning. Based on the Wallonian theory and researchers who are based on his work. Making itself present in the classroom between the educator and the student, so that there is an interaction between both, in the development of learning. Since in some cases many learners are affected by this affective deficiency in the environment in which they are inserted, therefore the importance of the educator to demonstrate their affection in the process of teaching and learning, thus contributing to a better understanding on the part of the students making the coexistence in moments pleasant and pleasurable in the construction of knowledge. The research was bibliographical and qualitative and was performed through data collection. In addition to the observation, the semi-structured questionnaire was used, which was applied with the 4th and 5th grade primary school teachers, at the Monsenhor Odilon Coutinho State School of Elementary Education, in the municipality of João Pessoa. We conclude that the educator can contribute to the improvement of the quality of teaching reflected in his actions in developing his pedagogical practice, since it is known that when the environment is welcoming, it contributes to the cognitive development of the child facilitating interpersonal relationships, making it strengthened with affective bonds, overcoming difficulties in everyday life.

**KEYWORDS:** Affectivity, Learning Difficulty, Reading and Writing.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	11
2. A AFETIVIDADE NA SALA DE AULA.....	13
2.1 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E SUA EVOLUÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS.....	19
2.2 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA.....	22
2.3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	25
2.4 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA .....	30
2.5 LETRAMENTO E SEU DESENVOLVIMENTO .....	32
2.6 BREVE HISTÓRICO DA SUPERVISÃO ESCOLAR.....	35
2.7 O PAPEL DO SUPERVISOR ESCOLAR NA FORMAÇÃO CONTINUADA: .....	36
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	39
3.1 LOCAL DA PESQUISA.....	39
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	40
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA .....	40
3.4 INSTRUMENTO DE PESQUISA .....	41
3.5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	41
4. CONCLUSÃO .....	51
REFERÊNCIAS .....	53
APÊNDICE.....	56

## 1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso traz o tema: "A importância da afetividade para a superação das dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita". O que justificou o interesse pelo tema foi à vivência das atividades que foram desenvolvidas no decorrer do Estágio Supervisionado, nas visitas à escola campo, nas observações em sala de aula, ao depararmos com essa questão de que o estudante demonstrava não gostar de ler

Como consequência, verificamos que, a deficiência na leitura, acarretava dificuldade na escrita, fato que analisamos ao olhar os cadernos dos estudantes durante as visitas à sala de aula. De fato, eles não sabiam ler e escrever corretamente as palavras. Assim sendo, por entender que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto É justamente neste processo que se torna importante a afetividade como suporte para que o leitor possa alcançar o caminho para a leitura.

As observações que chamaram a atenção em sala de aula foram pontuais para esse trabalho: as crianças efetivamente sentem dificuldades, pois trazem consigo muitos problemas de casa como, por exemplo, agressividade no lar, falta de afeto, convivência com usuário de drogas e casos de violência no bairro em que moram, pais analfabetos e separados e, também, a alimentação que é muito importante para o desenvolvimento físico, mental e cognitivo.

O Objetivo Geral do nosso trabalho foi compreender como os aspectos da afetividade podem influenciar os estudantes do 4º e 5º ano na superação das suas dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita. E os Objetivos Específicos foram: investigar como aspectos da afetividade podem favorecer positivamente a aprendizagem da leitura e escrita; levantar dados bibliográficos e digitais sobre o tema; construir um texto integrando os conhecimentos teóricos adquiridos com o que foi presenciado durante os estágios, enfatizando a importância da afetividade na educação; realizar visitas à escola e coletar dados com as professoras do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental; e analisar os dados coletados à luz dos teóricos que abordam a afetividade como facilitadora do processo de ensino e aprendizagem.

A escola que serviu de campo de pesquisa foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental Monsenhor Odilon Coutinho, local onde realizamos o estágio e pudemos confrontar as teorias estudadas com a prática vivenciada neste período.

Para a construção do trabalho foi utilizada a pesquisa de natureza qualitativa, que se baseia em compreender a relação entre o sujeito e objeto. O instrumento para coletas de dados foi utilizado o questionário semiestruturado composto por questões fechadas e abertas (APENDICE 1) no intuito de perceber se há coerência entre as respostas e a prática pedagógica demonstrada no período de Estágio Supervisionado

Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras, sendo uma do 4º ano e outra do 5º ano que se dispusera a responder o questionário cuja faixa etária era entre quarenta (40) e cinquenta (50) anos casadas. A educadora do 4º ano possui graduação em Pedagogia e Psicopedagogia e exerce a função há mais de vinte e quatro (24) anos. A educadora do 5º ano possui Curso Superior em Serviço Social e Licenciatura em Pedagogia e Pós Graduação em Educação e Desenvolvimento Infantil. Não informou há quanto tempo exerce a função.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: inicia com um tópico sobre a afetividade na sala de aula, na vertente da teoria walloniana, presente na sala de aula na relação professor aluno contribuindo para um melhor desenvolvimento das aprendizagens. Em seguida abordamos a dificuldade da leitura e escrita, da aprendizagem letramento, aprendizagem significativa, e o papel do supervisor na formação continuada. E Metodologia, Apresentação e Discursão dos Dados, Conclusão, Referências.

## 2. A AFETIVIDADE NA SALA DE AULA

Para Wallon (1979), a personalidade é constituída por duas funções básicas: afetividade e inteligência. A afetividade está vinculada às sensibilidades internas e orientada para o mundo social, para a construção da pessoa; a inteligência, por outro lado, está vinculada às sensibilidades externas e orientada para o mundo físico, para a construção do objeto. Desta forma, a afetividade assume papel fundamental no desenvolvimento humano, determinando os interesses e necessidades individuais da pessoa; é um domínio funcional, anterior à inteligência.

Para ele, a afetividade é fator fundamental na construção do sujeito. É entendida como instrumento de sobrevivência do ser humano, pois corresponde à primeira manifestação do psiquismo, propulsiona o desenvolvimento cognitivo ao instaurar vínculos imediatos com o meio social, abstraindo deste o seu universo simbólico, culturalmente elaborado e historicamente acumulado pela humanidade. Por conseguinte, os instrumentos mediante os quais se desenvolverá o aprimoramento intelectual são, irremediavelmente, garantidos por estes vínculos, estabelecidos pela consciência afetiva.

Quando analisamos os processos de ensino e de aprendizagem dos estudantes na fase dos anos iniciais do Ensino Fundamental com faixa etária em torno de nove (9) e dez (10) anos, é possível perceber que, para haver um aprendizado efetivo na leitura e na escrita, eles necessitam de atitudes que vão além da exposição de conteúdo, uma vez que estão em fase de transição entre a pré-adolescência e a adolescência, fase absolutamente confusa e cheia de problemas, sinal patente de que há necessidade de incluir formas de abordagem que incluam a afetividade.

E por se falar em afetividade, é preciso primeiramente observar a importância da educação e os problemas que estão relacionados a ela e que atingem níveis cada vez mais altos em diferentes aspectos. É importante que o educador dê espaço ao educando para expressar suas opiniões, mesmo que seu ponto de vista seja incorreto, mas ele traz consigo sua aptidão que pode ser explorada na sala de aula e que pode contribuir com o processo de aprendizagem. A relação entre o educador e o educando é fundamental para a construção desse processo, em que a afetividade venha a ser um fator essencial para a construção do saber. Assim sendo,

É nesta dança, entre sedutor e seduzido, na sincronia dos passos, transfere seus conteúdos e o aluno fixa o conhecimento. É na harmonia dos movimentos, que o professor mediante o estabelecimento de vínculos afetivos que ocorre o processo

ensino e aprendizagem, onde o significado de conquistar é trazer para o seu lado. O professor precisa de que os alunos estejam do seu lado se estiverem contra ele, funcionarão como obstáculo a qualquer conteúdo a ser assimilado. Além disso, a necessidade deste ou daquele conteúdo, muitas vezes, só será percebida muito tempo depois de ser assimilado. O professor precisa de que os alunos confiem em si, acreditem que o que está aprendendo lhes será útil; outra vez afetividade. (CODO, 1999, p.50).

De acordo com o autor, podemos estabelecer uma relação afetiva com os educandos, atuando com ações para que os efeitos da aprendizagem sejam adquiridos ou conquistados, para que eles desenvolvam seus talentos e possam compreender que a sala de aula é uma troca de conhecimentos e ideias podendo contribuir com o crescimento do aluno que não adquire somente na fixação de conteúdos e sim no meio em que vive. De acordo com Campos (1987 s. p), "um professor que não expressa em seus comportamentos as atitudes que deseja formar nos alunos, não poderá alcançar os objetivos visados". Então o educador/a precisa refletir após sua aula sobre o que pode ser feito durante o dia, um mês ou até durante um ano, buscando novas estratégias contribuindo para uma educação de qualidade.

Portanto, é preciso que o educador esteja atento na sala de aula, no desenvolvimento de suas práticas educativas, para que os educandos conquistem seu espaço como um ser que precisa desenvolver suas habilidades cognitivas, emocionais e sociais, com capacidade de atuar da maneira correta exigindo transformações, no decorrer do ensino de aprendizagem através de um processo mediador e é importante que o educador vivencie as atitudes e valores dos educandos, renovando os conceitos no ambiente educacional, como nos demais seguimentos de sua vida, mas que o saber nunca será concluído, fazendo-se necessário que a sala de aula seja um ambiente saudável, acolhedor e agradável em que a afetividade se faça presente no cotidiano.

No cotidiano da sala de aula, esta postura metodológica poderá ser articulada com estratégias que tenham coerência com o princípio metodológico, por exemplo, problematizarão exposição dialogada, trabalho em grupo, pesquisa, seminário experimentação, debate, jogos educativos, dramatização, produção coletiva, estudo do meio, etc. (VASCONCELOS, 2005, P.15).

Assim sendo, segundo o autor acima citado, o educador exerce a função de ator na sala de aula, principalmente com aqueles educandos que apresentam dificuldades na aprendizagem, desenvolvendo métodos, despertando a curiosidade deles e através da motivação sintam-se incentivados, visto que o lado afetivo é notável e vai influenciar no cognitivo. Fatores esses que contribuem para o educador estar, sempre inovando em suas práticas educativas e que possam possibilitar novas ações reflexivas com os educandos na sala de aula, estabelecendo concepções e práticas que levem à reflexão dos saberes e

experiência em sua ação educativa.

Segundo Chalita (2001, p.13), "a tarefa de todo educador, não apenas do professor, é a de formar seres humanos felizes e equilibrados. Para isso, um bom relacionamento é essencial, já que possibilita a construção da autonomia do ser humano." As influências dessas relações afetivas proporcionam um bom desenvolvimento entre ambos, que são construtores de saberes possibilitando ao educador a troca de experiência no processo de ensinar e aprender, mantendo uma cumplicidade com os educandos e que sejam valorizados entre si.

Para Tassoni (2008, p. 205) "é nas interações com as pessoas que ocorre a apropriação do legado cultural - patrimônio que envolve conhecimentos, valores, sistemas simbólicos, formas de agir, pensar e sentir." É importante que o educador perceba que cada educando aprende de forma diferente, e o que é fácil para uns, se torna difícil para outros, pois é preciso desenvolver estratégias com uma didática, envolvendo os educandos na comunicação e interagindo uns com os outros, então o educador ao chegar na sala pode iniciar um diálogo sobre a aula passada tenta rememorar a aula oralmente, assim ele está fazendo uma avaliação diagnóstica com toda turma.

No processo de ensino e aprendizagem, quando o educador expressa sua afetividade no ambiente escolar, podem ser alcançados um bom rendimento diante de um educando que apresenta dificuldade de raciocínio no desenvolvimento escolar. A compreensão do educador contribui com efeitos satisfatórios fazendo com que os educandos, que apresentam um raciocínio mais lento, possam evoluir com aprendizagem efetiva tornando os resultados suficientes e aptos para seu desenvolvimento.

Diante disso para que ocorra essa aprendizagem efetiva, é preciso ter a capacidade de realizar atividades em que os educandos estejam determinados a refletirem em seus pensamentos demonstrando curiosidade, boa vontade e interesse para aprenderem. No entanto a dedicação do educador é importante para encorajar e incentivar, demonstrando também seu afeto e seu papel na sala de aula é uma troca de experiência estimulando os mesmos a alcançarem seus objetivos que é o aprender.

Para aprender é preciso que haja interação no ambiente escolar para que possa influenciar nas relações de afetividade (LEITE, TASSONI, 2002 s. p.), que em sua pesquisa discutem sobre a afetividade presente na relação professor-aluno apresentam também cinco elementos constitutivos da prática pedagógica que estão permeados pelo aspecto afetivo, são eles: os objetivos de ensino, o aluno como referência, a organização dos conteúdos, como

ensinar e como avaliar, elementos estes que refletem em aprendizagens ou não aprendizagens. O objetivo maior não é somente ensinar, o foco principal são os conteúdos e temas significativos em que os educandos sejam favorecidos com uma aprendizagem, elemento indispensável para uma relação educando-objeto, tornando a aprendizagem proveitosa.

Toda aprendizagem [...] está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. [...] na aprendizagem escolar, a trama que tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita, etc. não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações. (TASSONI, 2000, p.3)

Portanto a afetividade está presente no processo de ensino e aprendizagem é analisada como unidade no qual a relação interpessoal entre educador e educando, estão presentes as emoções e a importância de conviver melhor na sala de aula, fazendo-se necessário que ocorra esse sentimento de afetividade sendo um fator determinante para o processo do conhecimento, motivando cada vez mais a aprendizagem e que essa relação entre ambos faz com que o educando adquira confiança, e o educador com seus diferentes saberes possa motivá-los a desenvolverem seus conhecimentos.

O desenvolvimento da inteligência, em grande parte, é função do meio social. Para que ele possa transportar o nível da experiência ou da invenção imediata e concreta, tornando-se necessários os instrumentos de origem social, como a linguagem e os diferentes sistemas de símbolos surgidos desse meio (WALLON, 1971 p.14).

Segundo o autor, o educador e o educando podem aprender por muitos meios, na família, e no meio em que está inserido, mas a escola, que faz parte da vida de ambos, tendo um desenvolvimento de grupos diferentes. Neste meio os dois são afetados um pelo outro, principalmente pelo contexto social político e cultural, ao aplicar um conteúdo o educador precisa compreender que o aluno pode concordar ou discordar com o desenvolvimento do mesmo. Quando o trabalho é desenvolvido e a afetividade está presente o educando sente-se motivado tendo interesse para aprender ou pelo contrário sua inteligência será prejudicada em sua evolução. E até o próprio educador, com sua insatisfação, chegam ao stress que é um mal presente na vida dos educadores na área de educação.

Em quaisquer circunstâncias, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompem os lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz. (CUNHA, 2008, P.51).

Segundo Cunha, existem fatores que são responsáveis para modificar as



manifestações genotípicas, como é a questão do desenvolvimento no contexto social no qual o sujeito está inserido. Se a criança vive num ambiente em que não é apropriado para o seu desenvolvimento prejudicando o seu avanço educacional ao longo de sua vida, diante das circunstâncias a criança pode se adaptar fazendo sua escolha pessoal, de acordo com a realidade que a cerca, pois a escola é um espaço essencialmente educativo que pode transformar o comportamento do ser humano tanto dentro ou fora da mesma, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social.

Ainda o autor colaborou com o projeto do ensino Francês, Langevin-Wallon, trabalhando durante três anos (1945-1947), com uma comissão formada por vinte membros, todos nomeados pelo ministério de Educação Nacional. O projeto tinha como objetivo construir uma educação mais justa para uma sociedade mais justa. Assim, as ações propostas se dividiram em quatro princípios: O primeiro, *Justiça* se refere à igualdade do direito ao desenvolvimento total de toda criança e jovem, qualquer que seja sua origem familiar, social e ética. O segundo, *Dignidade igual de todas as ocupações*, se refere ao trabalho manual das profissões e a inteligência prática em que a educação fomenta o predomínio das ocupações de igual dignidade, o terceiro, *Orientação*, se refere à percepção profissional e depois da escolar. Por fim o quarto princípio, *Cultura Geral* se refere à compreensão dos problemas mais amplos no qual o trabalhador deve ser um cidadão em um estado democrático e indispensável da cultura que libera o homem, e que a especialização não seja um obstáculo aproximando a cultura geral dos estreitos limites da técnica; enquanto a cultura geral aproxima os homens, a específica o afasta.

Diante destas ações desenvolvidas por Wallon, é preciso uma reflexão voltada para os objetivos para que eles possam ser alcançados e desenvolvidos, pois a escola tem um papel fundamental na formação do sujeito, precisando acompanhar as transformações e mudanças ocorridas no tempo e espaço, superando as dificuldades que surgem no contexto educacional, por isso é preciso desenvolver um trabalho em equipe buscando nas teorias, colocando na prática para que possam facilitar e melhorar a convivência dos educandos e educadores/as e todo o corpo docente da escola.

[...] a afetividade deve estar presente na práxis do educador [...] os educadores apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruísta, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinado por máquinas, e sim por serem humanos. (CURY, 2008, p.48).

Outro papel principal do educador/a na sala de aula é planejar e desenvolver as

atividades e tarefas para que os educandos saibam a razão que envolve cada uma, facilitando a compreensão do trabalho realizado "que o trabalho que é proposto está ao alcance deles e que seja interessante fazê-lo" (ZABALA, 1998, p.96).

Então é preciso desenvolver um trabalho com efeitos satisfatórios superando as dificuldades que se faz presente no processo de ensino e aprendizagem para os educandos que apresentam um raciocínio mais lento, podendo evoluir com uma aprendizagem, interagindo uns com os outros, ocorrendo uma troca de experiência, possibilitando aos mesmos se expressarem espontaneamente adquirindo o conhecimento, mas é preciso que o educador/a desenvolva uma prática pedagógica com atividades que supere os obstáculos, superando as dificuldades.

E este trabalho em conjunto em que as crianças se encontram num estágio operatório - concreto, onze anos (11), pois já são capazes de realizar tarefas, possuindo um raciocínio de forma mais dedutiva e intelectual conseguindo dominar uma linguagem com interesse em relação à literatura, cultura, música, e artes. Adquirindo competência através de um diálogo, compreendendo as regras e reconhecendo seus compromissos. Outro estágio é quando a criança chega aos onze anos, (11) já entrando na pré-adolescência, em uma fase de consolidação do raciocínio lógico-matemático, tomando consciência de suas relações através da interação obtendo uma opinião própria de seus conhecimentos para o futuro.

Wallon deixou uma contribuição para a educação em que a afetividade faz parte do processo de ensino e aprendizagem e a importância de sua teoria psicogenética, para compreensão do desenvolvimento da criança, havendo uma interação entre o educador e o educando, dando subsídios para uma compreensão melhor entre ambos dando ênfase ao meio em que o educando convive e a escola é responsável pelo desenvolvimento do mesmo, estabelecendo uma relação entre a psicologia e educação. Isto quer dizer que as duas usam as experiências de vida para trabalharem em conjunto.

Outra razão essencial trata-se de sua obra voltada para a educação colaborando com a presença da afetividade que esteja sempre presente na sala de aula, contribuindo assim com a compreensão do educador/a com aqueles educandos que apresentam um atraso em sua aprendizagem, mas que através do meio em que estão inseridos possam interagir e evoluíram com resultados suficientes tornando-se aptos para o seu desenvolvimento social, estabelecendo concepções e práticas levando o educando a reflexão de seus atos.

## 2.1 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E SUA EVOLUÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS

Levar ao conhecimento do leitor um pouco de como foi o princípio da comunicação humana, inicialmente através dos desenhos rupestres e posteriormente de escritas feitas em diversos tipos de suportes, por diferentes povos. Isso demonstra que não nos comunicamos apenas com palavras, mas com um conjunto de sinais corporais, produzidos de forma voluntária ou não. No processo de comunicação, a linguagem corporal precisa estar em conformidade com a linguagem verbal.

A linguagem faz parte da nossa cultura e desde os primórdios surgiu à necessidade da troca de informações entre as pessoas, esta é uma maneira de se comunicarem entre si, através de gestos trocando experiência ou ideias uns com os outros, no lugar onde estão inseridos mudando o relacionamento e a convivência em sociedade. Portanto, é necessário que os pais iniciem essa comunicação desde a concepção do feto na vida intrauterina, onde a relação entre ambos é indispensável para o desenvolvimento do bebê, ao nascer a criança precisa ser estimulada para o processo de seu desenvolvimento, abordando o aspecto cognitivo, físico e motor para sua comunicação com o mundo exterior construindo sua personalidade.

A linguagem verbal expressa à comunicação tornando-se fundamental para uma aprendizagem buscando informações para desenvolver uma habilidade entre o educador/a e educando que apesar das crianças já trazerem consigo um pouco do saber, é necessário que eles frequentem a escola, para vivenciarem momentos de uma realidade que vai exigir atenção e interação na sala de aula, no entanto seus pais têm em mente que eles vão para a escola aprender a ler, mas não se aprende a ler só na escola nem sempre esse objetivo pode ser alcançado por todas as crianças aprenderem a ler corretamente. Conforme entende-se que a leitura consiste em

[...] um processamento estruturado em torno da compreensão de conteúdo (informação) nas dimensões simbólicas (sentidos) e formais (organização dos signos), para o qual não importa tanto a linguagem, mas sim como os significados são exteriorizados pelos autores e assimilados pelos leitores. (MARTINS, 1982, p.55).

De acordo com o autor citado, é através da leitura que se adquire informações, no processo de ensino e aprendizagem independentemente de estar ou não numa sala de aula. Assim, é preciso que as crianças desde cedo sejam motivadas a desenvolverem o gosto pela leitura, tendo acesso a bons livros. Essa prática de leitura é essencial para que eles possam

adquirir novos conhecimentos. Em que a maioria das crianças, apresenta um atraso na leitura, portanto o educador precisa investigar e descobrir o problema e chegar a conhecer os fatores que causam essa dificuldade, que em certos casos estão ligados a insucesso tanto culturais, sociais, políticos, educacionais, pedagógico entre tantos outros.

Outro fator importante é quando a criança chega à escola passando por uma mudança de rotina, que não estava acostumada em seu cotidiano, exigindo uma maior atenção para desenvolver novas habilidades de leitura exigindo maior atenção para uma linguagem falada formando palavras ou frases, referente a fala. Que segundo Nunes, (1992, p. 9) "aprender a ler exige novas habilidades e apresenta novos desafios à criança com relação ao seu conhecimento da linguagem". Portanto, é importante que o educador esteja atento a esses educandos e que possa proporcionar um ambiente agradável para que eles construam o saber.

Ao chegarem à escola as crianças já trazem consigo alguns conhecimentos e o educador precisa valorizar esse saber, proporcionando atividades, para que eles se expressem e desenvolvam sua autonomia progredindo em suas ações. Sendo o papel do educador incentivar, para que eles possam desenvolver o gosto pela leitura, adquirindo o hábito de ler tanto na sala de aula, em casa, ou em qualquer lugar, tornando-se leitores reconhecendo os objetos em sua volta e a convivência com os livros possibilite despertar a curiosidade passando a ter momento de prazer e através da leitura poderão ter oportunidade de aprender a ler corretamente as palavras.

(...) entendemos que o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade. (OLIVEIRA E QUEIROZ, 2009, p.2)

Em relação à citação acima citada, a aplicação do ensino de forma mecânica contribui para que nos deparassem com um baixo rendimento escolar que tem como consequência uma aprendizagem defasada, apresentando uma grande lacuna em que a maioria dos educandos não sabe ler, nem escrever corretamente.

Sendo assim, a leitura é fundamental para o desenvolvimento social e cultural da criança, mas é preciso a conscientização pelo os leitores que a tarefa de aprender a ler às vezes é fácil para uns, mas difíceis para outros e por isso a maioria das crianças traz consigo a dificuldade de aprender a ler, por não adquirir este hábito de leitura em casa, e um dos motivos às vezes pode ocorrer por seus pais não possuir uma escolaridade e por não ter tido

oportunidade de frequentar uma escola precisando trabalhar para manter sua sobrevivência e de sua família. Sendo, portanto impossibilitado de contribuir com a prática da leitura e auxiliar nas atividades de seus filhos.

Uma outra causa trata-se dos pais trabalharem fora e ao chegarem em casa cansados não tendo disponibilidade de incentivá-los a praticarem a leitura com frequência. Mas existem aqueles que sabem ler e não estão habituados a exercer essa cultura da leitura. Assim à escola pode fazer o seu papel incentivando os educandos na conscientização que a leitura faz parte do crescimento educacional tornando os sujeitos mais participativos em suas decisões nas atividades desenvolvidas.

Leitura tornou-se obrigação na escola, para tentar amenizar desigualdades sociais e culturais existentes na sociedade. Desigualdades esta, que tem como mola propulsora um código oficial - a escrita. A sociedade moderna valoriza o consumismo, transformando a leitura em desejo e acesso deste consumo, esquecendo-se que ler é essencial para quem gosta, mas a aquisição de livros para manter o status não é importante. (LAJOLO, 1984 s. p)

Ou seja, outro fato definido ao acesso dos educandos na leitura são as mudanças para acompanhar o desenvolvimento tecnológico surgindo novas estratégias facilitando a compreensão da leitura de um texto. E o educador precisa estar qualificado para o uso das novas tecnologias dando suporte aos educandos para analisar pesquisar aprofundando seus conhecimentos, selecionando textos que possa fazer com que os mesmos façam uma reflexão participando ativamente da leitura, questionando sempre se for necessário para que essa leitura passe a ter um sentido na vida dos mesmos, com capacidade de compreender as ideias principais do texto através da construção de palavras interpretando o significado das mesmas adquirindo novas experiências através da leitura construindo uma nova aprendizagem levantando hipóteses questionando obtendo resposta positiva sobre o que leu.

Mundo que mudou a tecnologia hoje se faz presente. Não basta ter apenas acesso a essas tecnologias ou a outros suportes, é fundamental que o indivíduo também estimule a prática da leitura, para se ter uma melhor compreensão daquilo que está lendo, caso contrário a informação não cumpre sua função. Aquele que não tem a prática da leitura encontra dificuldade em entender, compreender e aprender (BARBOSA, 2009, p. 39, 40).

Assim, segundo Barbosa (2009), o uso das tecnologias proporciona aos educadores oportunidades de novos conhecimentos que é o princípio básico para o exercício da atividade docente, estabelecendo um novo método de aprendizagem incentivando seus educandos a pensarem criticamente nas realizações de suas pesquisas, interagindo uns com os outros através da leitura para compreender melhor a interpretação do texto e descobrir seus mistérios quanto a questão da fala, exigindo uma série de particularidades, tais como

pontuação, já que uma vírgula pode mudar o sentido de uma ideia, pois são elementos gramaticais, tais como conjunções, preposições, entre tantos outros.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), particularmente de Língua Portuguesa (1997, p. 54), afirma que:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreende o que lê, o que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos, que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto, que consiga justificar e avaliar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

Assim é preciso que o educador/a tenha competência para formar educandos, para que eles possam adquirir conhecimentos através da leitura, compreendendo o que estão lendo dando um significado para a interpretação textual.

## 2.2 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA

A escrita ocidental foi uma das grandes invenções do homem e surgiu pela necessidade de registrar importantes fatos históricos da humanidade. Os vestígios mais antigos da escrita ocorreram a mais de 5500 anos sendo originados na região baixa da Mesopotâmia.

Inicialmente era formada por ideogramas através de palavras sendo usado diversos signos pictóricos representando objetos e ideias que fossem necessários resgatar a história. Já na segunda fase a escrita passou a ser representada pelos valores fonéticos e não era preciso usar muito os signos para exprimir as ideias de um idioma.

Mas, a partir de sua evolução, a escrita passou a ser alfabética, onde o fenício contribui para a origem de todos os alfabetos atuais em Biblos, se expandiu até o Egito atravessando as colônias fenícias fundadas no Chipre e no Norte da África e do Egito, sendo expandido ainda para as regiões que não sofriam influências fenícias diretas.

Por volta do século XV antes de Cristo o alfabeto fenício foi bastante difundido constituído por 22 signos tendo uma evolução bastante rápida devido à sua simplicidade. Aproximadamente no Século VIII antes de Cristo esse alfabeto foi adotado pelos os gregos e incorporado alguns sons vocálicos, originando o alfabeto etrusco que junto com o alfabeto gótico da Idade Média, originou o alfabeto latino, dominando assim o mundo ocidental,

devido à expansão do Império Romano. O uso da escrita tornou-se necessária para o homem registrar o número de animais e o estoque de alimentos usados.

Depois de algum tempo ela foi usada para registrar os dias dos anos, fatos importantes como as grandes batalhas, proclamações governamentais, entre outros acontecimentos. Passaram a ser registrado também as grandes obras que representavam a literatura. A maior parte das pessoas não tinha direito ao acesso da leitura, apenas a minoria que pertencia mais favorecida, podiam aprender a ler e escrever.

No século XVIII, marcado por muitas transformações, com o surgimento da revolução industrial e sua evolução tecnológica, houve a necessidade de uma mão de obra qualificada para contribuir com a produção e o capital da empresa, sendo necessário o uso da leitura contribuindo para o progresso da empresa, tendo fim o trabalho manual do artesão e trabalhadores rurais e dando início ao trabalho da classe operária, muito explorada e oprimida.

A escolaridade da classe operária passa a ser obrigatória e reconhecida como sinônimo de sucesso até o final do século XIX, e início do século XX, era necessária o conhecimento da escrita, todos possuía uma vida agradável e o saber naquela época não se considerava uma deficiência, mas nos dias atuais o analfabetismo é considerado um fracasso escolar e também um fracasso do sujeito que não consegue obter êxito na sociedade, que passa a exigir uma formação trazendo benefício mais favorecidos em todos os aspectos de sua vida.

O código escrito faz parte da instrução escolar e para obter êxito é indispensável que a criança ao chegar na escola aprenda a ler e escrever sendo necessário que se faça num espaço de tempo desde o início de sua vida ao ingressar na escola, precisando vencer os obstáculos dominando o código escrito.

Assim é necessário que a partir da alfabetização a criança adquira essas informações que são importantes em sua vida social. Que segundo Emília Ferreiro, “O que acontece no primeiro ano da escola tem reflexos não apenas na alfabetização, mas na confiança básica que cerca toda a escolaridade posterior.” assim é preciso valorizar a linguagem das crianças que já trazem, para a escola.

A partir dos três (3) ou quatro (4) anos a criança começa seu aprendizado formal da escrita, tendo uma duração de aproximadamente dez (10) anos, passando assim por etapas que ajudarão no seu desenvolvimento linguístico. As etapas desse desenvolvimento são as

seguintes: Fase pré-silábica ou pré-comunicativa, silábica semifonética, alfabética ou fonética e a ortográfica. Na primeira fase, a criança começa a distinguir a escrita do desenho e começa a escrever rabiscos e noutro momento as letras e os numerais, mas não sabe identificar as diferenças.

Na segunda fase em estudo, a criança tem uma faixa etária de cinco (5) a seis (6) anos e já é capaz de compreender que a escrita está relacionada com a fala e cada letra apresenta um som. Na fase alfabética, a criança já chegou a faixa de seis (6) e sete (7) anos, onde a escrita representa a fala com diferentes sons, compondo vogais e consoantes. Aos oito (8) anos, a criança atinge a fase transacional, cursando, portanto a 2ª série do ensino fundamental, adquirindo assim os padrões ortográficos, morfológicos e visuais.

Aos dez (10) anos já domina algumas regras básicas como a ortografia, sinais de acentuação, grupos das consoantes e começa a se apoderar dos conhecimentos aprendidos. Apesar de ter adquirido um desenvolvimento durante o processo de alfabetização, tendo condições de formular frases, ampliar o seu vocabulário, utilizar as palavras sinônimas, mas isto não é o essencial, além da escrita.

A criança e o adolescente precisam ser capazes de compreender e interpretar textos, desenvolvendo sua própria produção escrita, aprofundando seus conhecimentos, podendo dessa forma atingir a sua autonomia e conquistar seu espaço dentro da sociedade.

É importante que os educadores do ensino fundamental desenvolvam práticas educativas com propostas inovadoras, fortalecendo assim o trabalho escolar para atender de forma satisfatória as crianças que antes fazia parte da educação infantil e passou a fazer parte do ensino fundamental de nove anos. Fazendo-se necessárias práticas pedagógica voltado para essas crianças, construindo uma base inicial bastante fortalecida e meios adequados disponibilizando um atendimento de melhor qualidade por parte dos educadores. Desenvolvendo produções de textos através da escrita usando propostas mais práticas, com ações discursivas e trabalhos diários que segundo Lajolo (1986), enfatiza que:

Se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas. (LAJOLO, 1986, p. 53)

Segundo o autor, é preciso que o educador esteja apto no que se refere aos textos aplicado na sala de aula demonstrando capacidade ao aplicar os conteúdos com clareza facilitando assim a aprendizagem dos educandos, para o desenvolvimento do código da



escrita que é inseparável da fala num processo de uma nova linguagem através da escrita, portanto a importância do educador contribuir na produção de textos para que os mesmos compreendam às diferenças linguísticas. Segundo Cagliari (1993, p. 149), afirma que “quando a escola consegue trabalhar de forma eficaz a escrita acaba favorecendo a formação de bons leitores, e isso resulta em alunos que não terão problemas em ler e interpretar. A leitura é a realização da escrita”

A escrita surge dando origem a uma nova fase de comunicação, contribuindo assim para a troca de informações e benefícios das experiências vividas pelo homem no tempo da pré-história. Para Mendes e Junqueira (1999, p. 34), comunicar é “trocar informações, partilhar ideias, sentimentos, experiências, crenças, valores por meio de gestos, atos, palavras, figuras, imagens e símbolos”. Isso expressa que a comunicação não se dar só com palavras, mas através de um conjunto de sinais corporais envolvendo forma espontânea ou não. E nesta ação de comunicação onde a linguagem corporal necessita estar em conexão com a linguagem verbal.

Portanto, é através da linguagem verbal que os educadores do ensino fundamental desenvolvem práticas educativas com propostas inovadoras, fortalecendo assim, o trabalho da leitura atendendo de forma satisfatória as crianças que antes faziam parte da educação infantil e passou a fazer parte do ensino fundamental de nove anos. Através de um trabalho voltado para essas crianças, desenvolvendo uma base inicial bastante fortalecida e meios adequados para um atendimento de melhor qualidade por parte dos educadores. Já que para desenvolver essa ação serão desenvolvidas produções de textos através da escrita usando propostas mais práticas, através de gêneros textuais com trabalhos diários.

E para que esse trabalho seja realizado é preciso que haja um diálogo mais profundo entre o educador/a e educando na prática desenvolvida na sala de aula através da linguagem escrita com textos que pode facilitar e desenvolver a capacidade do educando envolvendo desde cedo com a escrita alfabética construindo uma nova linguagem através da escrita a partir da alfabetização, mas é preciso que os pais possam participar dessa tarefa contribuindo para que seus filhos se tornem bons leitores.

## 2.3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

As dificuldades de aprendizagem surgem a partir das relações sociais e muitas transformações têm ocorrido no mundo contemporâneo e através delas vão surgindo às

mudanças e diversas maneiras de interpretações do que está em sua volta, transmitindo várias interpretações de mundo, que impulsiona uma sociedade globalizada em múltiplas designações e escolhas em suas percepções culturais, sociais e políticas. Perante as contradições que o mundo contemporâneo impõe a uma parte da sociedade, em que são desprovidos de princípios que são baseados em estudos científicos, mas que possuem experiência acumuladas e sem valor crítico, limitando-se ao senso comum.

Diante do senso comum surgem à possibilidade para compreender o mundo, com tantas contradições, carências e princípios básicos de experiências acumuladas e fundamentos para que possa compreender o que é, como surge, e onde se atua na representação social. Assim percebemos que esses conhecimentos espontâneos são provenientes dos saberes do dia a dia. Mas é preciso analisar os problemas de aprendizagem que ocorrem nas séries iniciais ao longo do percurso escolar. Que em torno da década de sessenta (60) a década de setenta (70), o termo dificuldade de aprendizagem começou a ser mais usado e descrito e explicado, surgindo instituições e grupos norte- americanos destinados aos estudos de crianças que não aprendiam. Instituições/grupos como Learning Disabilities Association of America (LDA), e a National Advisory Committee on Handicapped Children (NACHC), contribuíram para formulação e compreensão do termo.

As Dificuldades de Aprendizagem existem como uma condição incapacitante e que durante o transcorrer do desenvolvimento da vida pode afetar a autoestima interferindo na aprendizagem verbal ou não verbal e tendo uma condição crônica de suposta origem neurológica incapacitando o desenvolvimento de suas manifestações, ao longo de sua vida e esse grau de severidade é uma condição que pode afetar sua educação, também a vocação, interferindo em sua vida diária nas atividades na socialização com a literatura.

Encontramos na literatura que aborda esse tema, a indicação de que quando se está diante de qualquer problema na sociedade, esta concebe e aborda as representações sociais de acordo com o imaginário dos sujeitos que tem uma mesma condição ou experiência social. Assim, através dos sistemas de códigos e interpretações surgidas na sociedade, eles exprimem da mesma forma essas representações sociais, que tem como finalidade explicar o imaginário social permitindo uma reflexão dessas concepções, para poder chegar a uma verdade absoluta e conclusões para os problemas da aprendizagem que, segundo Sisto (2001), ao definir dificuldades de aprendizagem diz que:

Dificuldade de aprendizagem engloba um número heterogêneo de transtornos, manifestando-se por meio de atrasos ou dificuldades em leitura, escrita, soletração, cálculo, em crianças com inteligência potencialmente normal ou superior e sem deficiências visuais, auditivas, motoras ou desvantagens culturais. (SISTO, 2001, p.193)

De acordo com o autor supracitado, a dificuldade de aprendizagem é aquela apresentada pela criança ao desenvolver a linguagem da leitura, escrita e matemática, ou seja, em suas dificuldades gerais, ao aprender, desenvolve um raciocínio mais lento em sua deficiência mental, auditiva ou visual, podendo afetar a autoestima, ao longo de sua vida tanto na educação, na vocação, na socialização ou até mesmo nas atividades da vida diária interferindo no seu desenvolvimento e em sua integração seja numa condição crônica ou de origem neurológica que pode incapacitar na realização de suas atividades.

As dificuldades de aprendizagem têm sido muito debatidas no campo das ciências humanas e vem preocupando bastante pesquisadores, pois no ambiente escolar os diagnósticos feitos pelos educadores tem uma análise totalmente equivocada quando se deparam com uma criança que não atende aos planejamentos dos mesmos, onde a criança é ignorada, cujo argumento diz se tratar de um problema de hiperatividade. Nesse sentido os educadores e gestores não estão preparados para esse tipo de problema ficando a cargo de psicólogos e psicopedagogos as devidas providências para solucionar as dificuldades de aprendizagens. Sendo necessário o trabalho do psicólogo escolar que:

Tem como meta principal o ajustamento do indivíduo, além disso, a sua prática profissional envolve ação junto a diretores, professores, orientadores e pais com a finalidade de conseguir condições que favoreçam o desenvolvimento da personalidade do escolar, não ficando as suas funções limitadas apenas ao diagnóstico de alunos considerados problemas ou difíceis. (NOVAES, 1972, p.24)

Desse modo, são realizados debates entre estudiosos, psicólogos, psicopedagogos, educadores, gestores e pais porque todos são responsáveis pela educação das crianças e precisam ter uma compreensão mais profunda sobre a dificuldade de aprendizagem e para isso, terá que buscar informações sobre esse tema, que tanto inquieta a todos. É muito importante que o diagnóstico seja avaliado de forma concreta por um profissional competente, estimulando assim às crianças a fazer atividades que contribua para a superação dos conflitos quanto a aprendizagem e baixos rendimentos dos educandos que ocorrem em virtude dos distúrbios de aprendizagem, transtornos na aprendizagem, além de outros que são usados devido as inúmeras concepções, os profissionais envolvidos na área de educação precisam estar preparados para que atuem de forma compreensiva.

É de extrema relevância detectamos, através do diagnóstico, o momento da vida da criança em que se iniciam os problemas de aprendizagem. Do ponto de vista da intervenção, faz muita diferença constatarmos que as dificuldades de aprendizagem se iniciam com o ingresso na escola, pois pode ser um forte indício de que a problemática tinha como causa fatores intraescolares (BOSSA, 2000, p. 101).

Portanto segundo o autor, para que esse diagnóstico seja avaliado é preciso que o profissional esteja apto para compreender que, em certos casos, a dificuldade de aprendizagem não seja um obstáculo impedindo que as crianças desenvolvam suas habilidades, tendo uma orientação adequada e possam ser estimuladas através de práticas pedagógicas apropriadas, contribuindo para o desenvolvimento dando oportunidades para os mesmos serem capazes de realizarem suas atividades adquirindo capacidade, superando os problemas, reconhecendo que eles fazem parte de sua vida diária, mas não impedem de participarem do contexto social. De acordo com Darley, citado por Novaes (1992),

O diagnóstico na educação está ligado à identificação dos problemas específicos, devendo ser, primeiramente, encontrado o problema mais frequente naquele meio escolar (econômico, social, do professor, etc.), possibilitando assim, uma orientação e aconselhamento apropriados. (NOVAES, 1972, p. 82)

Segundo o autor, após a identificação do diagnóstico é preciso identificar a causa ou problema causador dessa dificuldade que a criança apresenta, mas que essa dificuldade não seja vista como uma deficiência pelos os profissionais competentes, fazendo-se necessário a presença do psicólogo ou do psicopedagogo para poder detectar e descobrir as causas das dificuldades em que as crianças se encontram, orientando para que sejam mudadas as condições facilitando a aprendizagem.

No entanto, a aprendizagem não acontece só na sala de aula, mas que a escola disponha de ambientes em que favoreçam aos educandos, desde a alfabetização, em que eles possam visualizar e se familiarizarem com a linguagem escrita para desenvolver sua habilidade autônoma. Mas quando ocorrer dificuldade e atraso na aprendizagem é preciso que a instituição disponha de um profissional capacitado psicopedagoga para que possa investigar e descobrir as causas que impedem o educando ter como aprender e superar suas dificuldades.

O aprendizado é de fundamental importância para as crianças na fase de seu desenvolvimento. Portanto é preciso que o educador esteja atento as dificuldades de aprendizagem quando surgem alguns casos de atraso atuando em seu papel que é falar, propor, ouvir, intervir, e fazer um diagnóstico e se for preciso encaminhar o educando para um profissional quando necessário, envolvendo todos diretamente e indiretamente com o

sujeito do qual faz parte a família, os amigos, a escola, e até mesmo a comunidade onde vive.

Diversas concepções sobre dificuldades de aprendizagem surgem nos ambientes sociais. A forma como essas concepções são assimiladas e aplicadas com sujeitos que possuem baixos rendimentos de aprendizagem tem preocupado os pedagogos, psicólogos, psicopedagogos e outros profissionais. Por isso, nesse trabalho se expressa, as concepções sobre as dificuldades de aprendizagem por alguns autores e suas problemáticas na contemporaneidade, a fim de proporcionar compreensão sobre o que é DA e destacando o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), desde o seu conceito até as características importantes para a identificação, diagnósticos e tratamentos.

Analisar as dificuldades de aprendizagem e o fracasso que ocorrem em muitos casos na área da educação, por isso é importante ter esse cuidado logo no início dos anos iniciais no decorrer do ensino quando surgem os problemas de aprendizagem em que os educandos ficam parados enfrentando dificuldades diante de um processo que está em construção precisando daqueles que estão envolvidos facilitando sua aprendizagem.

A Dislexia é a dificuldade que aparece na leitura, impedindo o aluno de ser fluente, pois faz trocas ou omissões de letras, inverte sílabas, apresenta leitura lenta, dá pulos de linhas ao ler um texto etc. Estudiosos afirmam que sua causa vem de fatores genéticos, mas nada foi comprovado pela medicina.

Desse modo, a Disgrafia normalmente vem associada à dislexia, porque se o aluno faz trocas e inversões de letras, conseqüentemente encontra dificuldade na escrita. Além disso, está associada a letras mal traçadas e ilegíveis, letras muito próximas e desorganização ao produzir um texto.

A Discalculia é a dificuldade para cálculos e números, de um modo geral os portadores não identificam os sinais das quatro operações e não sabem usá-los, não entendem enunciados de problemas, não conseguem quantificar ou fazer comparações, não entendem sequências lógicas. Esse problema é um dos mais sérios, porém ainda pouco conhecido.

A Dislalia é a dificuldade na emissão da fala, apresenta pronúncia inadequada das palavras, com trocas de fonemas e sons errados, tornando-as confusas. Manifesta-se mais em pessoas com problemas no palato, flacidez na língua ou lábio leporino.

A Disortografia é a dificuldade na linguagem escrita e também pode aparecer como consequência da dislexia. Suas principais características são: troca de grafemas, desmotivação para escrever, aglutinação ou separação indevida das palavras, falta de

percepção e compreensão dos sinais de pontuação e acentuação.

Já o TDAH é um problema de ordem neurológica, que traz consigo sinais evidentes de inquietude, desatenção, falta de concentração e impulsividade. Hoje em dia é muito comum vermos crianças e adolescentes sendo rotulados com o Distúrbio de Déficit de Atenção, porque apresentam alguma agitação, nervosismo e inquietação, fatores que podem advir de causas emocionais. É importante que esse diagnóstico seja feito por um médico e outros profissionais capacitados.

## 2.4 APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

No processo para a construção do conhecimento é preciso estar preparado e entender que a aprendizagem é fundamental para os educandos, mas é preciso que o educador ao planejar seus conteúdos e atividades a serem realizadas na sala de aula, desenvolva uma aprendizagem significativa, para que os mesmos sejam motivados a desenvolverem habilidades e terem a capacidade de compreender e perceber que o seu papel tem um significado na escola.

A teoria da aprendizagem significativa é de grande importância para que se possam entender como ocorre a aprendizagem, além de refletir sobre a importância de planejar uma atividade de forma intencional com objetivos traçados. Apesar de existirem diversos tipos de aprendizagem, como: cognitiva, afetiva e psicomotora, Ausubel (1972) teve como base em sua teoria, a aprendizagem cognitiva. Segundo Moreira (1999, p. 13) diz: “a atenção de Ausubel está constantemente voltada para a aprendizagem, tal como ela ocorre na sala de aula, no dia a dia da grande maioria das escolas”.

Segundo o autor, é na sala de aula onde pode haver uma grande mudança para o desenvolvimento da aprendizagem partindo dos conhecimentos prévios dos educandos, e o papel do educador faz a diferença ao desenvolver novos conhecimentos, tornando a aprendizagem mais significativa e prazerosa. À medida que os mesmos constroem um novo conhecimento incluindo o mesmo com a relação do cotidiano, logo essa interação passa a ter um significado mais eficaz favorecendo o educando, transformando o conhecimento anterior. Diante disso o educando poderá refletir sobre a importância desses novos conteúdos para a sua aprendizagem. Pois quando os mesmos não absorvem as novas informações de forma interativa, com o conhecimento já existente, essa aprendizagem passa a serem mecânicos

tornados esquecidos. A aprendizagem Significativa é o processo pelo qual se adquire ou desenvolve um novo conhecimento:

Se relaciona de maneira não arbitrária e não literal à estrutura cognitiva do estudante, de modo que o conhecimento prévio do educando interage, de forma significativa, com o novo conhecimento que lhe é apresentado, provocando mudanças em sua estrutura cognitiva. (AUSUBEL, 1978 s.p).

Segundo o autor, a produção da aprendizagem escolar surge através das mudanças que vão se modificando através da percepção e pensamentos que originam o estudo das classes diferentes de aprendizagens significativas e aprendizagem memorística, ele utiliza dois tipos de eixos: no caso do primeiro a aprendizagem é usada o eixo relativo à maneira como deve ser organizada o processo de aprendizagem e sua estrutura com relação à dimensão da aprendizagem por descoberta, e aprendizagem respectiva assim, os educandos recebem os conteúdos que devem aprender definindo-os ou descobrindo-os, antes mesmo de assimilá-los no caso inversamente, os conteúdos aprendidos são passados para os educandos, já acabados. E se tratando do segundo eixo, há uma intervenção na aprendizagem originando um contínuo delimitado a aprendizagem significativa por um lado, e pela aprendizagem mecânica ou repetitiva, por outro. Dessa forma, a diferença estabelece ou não por parte do educando as relações substanciais, entre os conhecimentos prévios e o conteúdo que será adicionado. Para Moreira:

Ausubel vê o armazenamento de informações no cérebro humano como sendo organizado, formando uma hierarquia conceitual, na qual elementos mais específicos de conhecimentos são ligados (e assimilados) a conceitos gerais, mais inclusivos. Estrutura cognitiva significa, portanto, uma estrutura hierárquica de conceitos que são representações de experiências sensoriais do indivíduo (MOREIRA, 1999, p. 153).

Assim sendo, de acordo com Moreira, é através da vivência, que se adquire experiência no processo de estudo de forma contínua, que ao desenvolver a aprendizagem significativa enriquece a estrutura cognitiva do educando deixada nas lembranças posterior e de utilização dos conhecimentos prévios, para iniciar novas ações no processo de aprendizagens, sendo, portanto a mais apropriada para ser aplicada entre os educandos. Essa aprendizagem pode ocorrer por métodos de descoberta, ou por meio dos conteúdos dando um significado ao que está sendo adquirido.

Por esse motivo, de acordo com a teoria de Ausubel, a aprendizagem memorística apresenta três vantagens: o conhecimento que se adquire de maneira mais significativa, que fica sendo lembrado por mais tempo. Em segundo, a capacidade de aprender outros conteúdos aumenta mesmo se o conhecimento próprio for esquecido. Em terceiro lugar, se

for esquecida a aprendizagem será auxiliada pela a "reaprendizagem", facilitando a compreensão adquirindo vantagens através dos processos centrais.

## 2.5 LETRAMENTO E SEU DESENVOLVIMENTO

A partir de algumas modificações culturais, econômicas e sociais que atuaram nas sociedades contemporâneas, analisam-se as mudanças a partir da metade do século XX, em que por um determinado período se considerava como alfabetização, pois até o início do século XX quando o sujeito apenas sabia assinar seu nome era considerado alfabetizado. Mas com as mudanças e transformações que ocorrem com o passar dos tempos, as exigências para ler e escrever são cada vez maiores nas realizações de tarefas ou funções. Para compreender a linguagem escrita exigem conceitos e ideias nas expressões e apropriação desse fenômeno que levou alguns estudiosos colocarem o termo de letramento. Nas palavras de Soares (1998), significa:

[...] letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais, ou seja, é o conjunto de práticas sociais relacionadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (SOARES, 1998, p. 72).

Mas, segundo Kleiman (1995, p.19): “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” Assim, a autora afirma e compreende letramento “como as práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita (idem, 1998, p. 181)”. Essas práticas colocam em ação uma concepção de que letramento são práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que elas são produzidas, bem como as consequências delas sobre a sociedade.

Uma sociedade, que através da oralidade pode refletir sobre o método de ensino e aprendizado, que se dá por um processo dialógico, dependendo de modelos e da construção a partir de um novo dialogo, em que ocorrem entre educador e educando com o conhecimento. Envolvendo uma relação com o ambiente dependendo do desenvolvimento da memória, da atenção, da percepção, da linguagem, do pensamento, e da emoção. É indispensável conhecer o mundo que a cerca e é na escola onde a criança passa a conhecer momentos e novidades de diferentes contextos e as condições que oferecem a elas.



E são elas que a partir do momento que vão lendo estão adquirindo conhecimento e desenvolvendo a capacidade de interpretar e analisar a mensagem escrita, abrindo um legue de informações que irá dar oportunidade à criança de construir sua própria linguagem partilhando esses conhecimentos com outros leitores, construindo sua autonomia. E para seguir o caminho do Letramento literário, é preciso que a partir do início do processo de alfabetização, o educador precisa dar prioridade a essa tarefa para o contato com bons livros da literatura, que é a mais importante a ser realizada para a formação humana.

Portanto, para que a formação humana seja construída, é preciso ocorrer uma interação com os outros em situações diferentes disponibilizando meios para aprenderem, sendo valorizado o que eles já traz de conhecimento, e o educador fazendo-se presente mediando e observando seus educandos contribuindo com sua aprendizagem através da leitura e escrita dos textos e os mesmos tenham a possibilidade de participar de maneira coletiva aprendendo o que está sendo construído com o conhecimento fonológico as sílabas em palavras.

Assim, é preciso compreender que o primeiro termo, alfabetização está ligada a um processo em que se adquire a tecnologia da escrita alfabética utilizando essa habilidade para ler e escrever. Mas para dominar essa tecnologia é preciso conhecimento e facilidade para compreender como funciona o alfabeto memorizando suas combinações entre letra e som tendo o domínio para usar os instrumentos como o lápis, ou papel ou outros que substituam.

O processo de alfabetização inclui muitos fatores e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como uma criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo a sua interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá o professor de encaminhar de forma produtiva o processo de aprendizagem (CAGLIARI, 1998, p. 89).

Contudo, o termo letramento está ligado ao exercício de desenvolver a tecnologia da escrita precisando de competência para ler produzindo textos reais, que segundo Soares (1998, p.47), "alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e escrita". Há muito tempo, os educadores participam de debates com questionamentos relacionados a prática voltada os antigos métodos de ensino procurando garantir uma outra forma de alfabetizar e letrar ao mesmo tempo os educandos. Tornando-se necessário fazer uma reflexão aprofundada sobre aquele aspecto constitutivo de uma prática

de alfabetização na perspectiva do letramento.

Portanto é nas relações sociais que a linguagem ocupa um papel de destaque na sociedade, a participação social é intensamente mediada pelo texto escrito e os que dela participam adotando não apenas de suas convenções linguísticas, mas, por vários gêneros textuais que circulam. Desse modo, Batkhtin (2000, p.279) chama a atenção de que "cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados". Então para cada tipo de situação, encontramos gêneros textuais de diferentes, modos para usá-los.

Fazemos uso da escrita no dia a dia, mas ao refletirmos sabemos que tanto na sala de aula ou quanto fora dela fazer-se visível, precisando garantir esse mesmo ensinamento a qualquer cidadão que lê e escreve cumprindo finalidades diversas e reais. Desse modo propomos esse mesmo princípio aos estudantes ao iniciarem no mundo da escrita. Mas também é indispensável à prática social da leitura sendo feita, por exemplo, através de um jornal ou revista que também circula informações, mas também com o livro infantil havendo uma particularidade na aprendizagem nas ações desenvolvidas para aprender.

Uma sociedade, que através da oralidade pode refletir sobre o método de ensino e aprendido, que se dá por um processo dialógico, dependendo de modelos e da construção a partir de um novo dialogo, em que ocorrem entre educador e educando com o conhecimento. Envolvendo uma relação com o ambiente dependendo do desenvolvimento da memória, da atenção, da percepção, da linguagem, do pensamento, e da emoção. É indispensável conhecer o mundo que a cerca e é na escola onde a criança passa a conhecer momentos e novidades de diferentes contextos e as condições que oferecem a elas.

E são elas que a partir do momento que vão lendo estão adquirindo conhecimento e desenvolvendo a capacidade de interpretar e analisar a mensagem escrita, logo se abrirá um legue de informações que irá dar oportunidade à criança de construir sua própria linguagem partilhando esses conhecimentos com outros leitores, construindo sua autonomia. E para seguir o caminho do Letramento literário, é preciso que a partir do início do processo de alfabetização, o educador precisa dar prioridade a essa tarefa para o contato com bons livros da literatura, que é a mais importante a ser realizada para a formação humana. Que segundo Barbosa (2013), alfabetização é:

Saber ler e escrever possibilita o sujeito do seu próprio conhecimento, pois sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita e, desse modo, produzir, ele também, um conhecimento (BARBOSA, 2013, p.19).

Segundo o autor, é através do conhecimento que se dá a formação humana e para

que ela seja construída é preciso ocorrer uma interação com os outros em situações diferentes disponibilizando meios para aprenderem, sendo valorizado o que eles já têm de conhecimento, e o educador/a fazendo-se presente mediando e observando seus educandos contribuindo com sua aprendizagem através da leitura e escrita dos textos e os mesmos tenham a possibilidade de participar de maneira coletiva aprendendo o que está sendo construído com o conhecimento fonológico as sílabas em palavras.

Assim, é preciso compreender que o primeiro termo, alfabetização, está ligado a um processo em que se adquire a tecnologia da escrita alfabética utilizando essa habilidade para ler e escrever. Mas para isso, é preciso conhecimento e facilidade para compreender como funciona o alfabeto memorizando suas combinações entre letra e som tendo o domínio para usar os instrumentos como o lápis, ou papel ou outros que substituam.

## 2.6 BREVE HISTÓRICO DA SUPERVISÃO ESCOLAR

Voltar ao passado e refletir no papel da educação no Brasil é lembrar que os jesuítas foram os primeiros professores no panorama histórico educacional do Brasil, mas que não tinha nenhuma importância social e sua tarefa educacional era o domínio sobre os índios através da catequese e sua principal finalidade era dominar os índios a sua cultura e preparar para o trabalho em favor da coroa portuguesa.

No ano de 1549, foi dado início as atividades educativas no plano de ensino no Brasil enviado por Manoel da Nóbrega, a ideia de supervisor não se fazia presente no trabalho dos jesuítas, mas a vaga de supervisão existia, porém a finalidade estava voltada para a formação do homem universal, humanista e cristão e só quem podia frequentar a escola eram os filhos da elite.

Assim, o ensino humanista e a cultura geral não eram voltados para a realidade da vida da colônia, porque a educação se dava através de uma educação mecânica e repetitiva, dessa forma era impossível uma prática pedagógica transformadora que tornasse o ensino mais consciente, que para Libâneo (2002, p. 54) "É preciso construir uma pedagogia social de cunho crítico que suponha saber como consciência". Apesar de pensar numa prática pedagógica, a ideia de supervisão prevalecia, mas houve alguns avanços porque foi incluído os aspectos político-administrativos, além de outros aspectos como direção, fiscalização, coordenação e orientação do ensino, na figura dos diretores de ensino.

Quando se deu a primeira instrução pública 1827, no período da independência do

Brasil, foram instauradas as escolas de primeiras letras, tendo como base o “Ensino Mutuo”, o processo que tinha como fundamento o professor ensinar e ao exercer sua função aos demais professores em curto prazo sem ser remunerada a custa de seu ordenado.

O regulamento educacional do período imperial estabelecia que a função coordenadora devesse ser exercida por agentes específicos para a coordenação permanente, essa missão foi atribuída ao Inspetor Geral que supervisionava todas as escolas, colégios, casa de educação pública e privada (LIBÂNEO, 2002, p.59).

## 2.7 O PAPEL DO SUPERVISOR ESCOLAR NA FORMAÇÃO CONTINUADA:

Com as transformações e os avanços educacionais e as novas descobertas tecnológicas constitui se em um agente de mudança para o papel de supervisão escolar no processo da formação de educadores no contexto educacional e social no sentido da evolução do exercício do trabalho em grupo.

O papel do supervisor é dar um sentido preciso, positivo e consciente à ação da escola, para que esta realmente cumpra suas finalidades, bem como, proporcionar um sentido convergente e integrante no atendimento às transformações sociais, e na utilização das novidades tecnológicas, para que o esforço educacional não seja perdido. (LOURENÇO, 2009, p.263).

Segundo o autor, o papel do supervisor escolar é incentivar e colaborar na formação dos educadores pela necessidade das transformações científicas e tecnológicas, levando a discussão a étnica, valorativa da sociedade e a imensa tarefa de instrumentalizar os educadores e educandos para participarem das relações sociais e políticas, então o papel do supervisor escolar é desenvolver grupos de liderança motivando através de um clima com um diálogo para o crescimento profissional das pessoas envolvidas com o processo educacional escolar.

Assim, o Supervisor Escolar tem um papel fundamental em auxiliar o educador no desenvolvimento de sua prática educativa, intensificando o seu trabalho interligando-o com o contexto escolar e servindo historicamente como desafio e exemplo para os novos profissionais que vão exercer esta função. Podendo dessa forma contribuir com a melhoria do ensino e uma educação de qualidade.

O Projeto Político-Pedagógico da escola, para atingir os objetivos propostos num mundo que requer mudanças, precisando refletir sobre os novos desafios nos conceitos de ensinar e aprender, melhorando e administrando a didática sobre como se tem se processado as atividades iniciadas pelo supervisor.

Então, a tarefa do Supervisor Escolar merece ser vivenciadas e vistas por todos aqueles numa sociedade em que nega os direitos do sujeito, mas é preciso que o supervisor assuma o compromisso na formação continuada de educadores e que não prevaleça a exclusão e a falta de cidadania. Nesse sentido, é fundamental a presença constante do supervisor escolar de forma participativa motivando educadores e educandos e buscando alternativas para os problemas que surgem durante o processo de ensino.

A formação continuada é uma das funções da organização escolar, envolvendo tanto o setor pedagógico como o técnico e administrativo. De modo especial para os professores a formação continuada é condição para a aprendizagem permanente e o desenvolvimento pessoal, cultural e profissional. É na escola, no contexto de trabalho, que os professores enfrentam e resolvem problemas, elaboram e modificam procedimentos, criam e recriam estratégias de trabalho e, com isso, vão promovendo mudanças pessoais e profissionais. (LIBANEO, 2001, P.89).

Entende-se que um dos grandes desafios para o Supervisor Escolar é motivar, colaborar, e conscientizar os educadores para participarem da formação continuada, para uma aprendizagem buscando soluções para os problemas e os desafios e situações surgidas no espaço escolar e possam promover a tranquilidade no ambiente de trabalho.

Um trabalho que requer princípios da obrigação do supervisor escolar sobre a organização de um sistema nacional de educação, que vai ganhando contornos mais nítidos a ideia de supervisão que atualmente é chamada por coordenação pedagógica, e ao mesmo tempo as discussões objetivas começam abrir possibilidades reconhecendo e colocando as ideias na prática.

Uma prática para uma autonomia em que o supervisor busque soluções para implantar inovações em gestão de formação continuada, em conjunto dentro do contexto escolar a pedagogia tradicional deu uma abertura e trouxe novos horizontes para reformas políticas e pedagógicas, modificando as funções e as inter-relações entre supervisor, orientador, gestor e educador.

Dentre suas principais atribuições podemos cotar: controlar, supervisionar, fiscalizar e inspecionar todo o processo educacional através de conferências, palestras visitas, acompanharemos desenvolvimento do currículo nos estabelecimentos, com objetivos de orientar pedagogicamente os professores mais jovens, buscando eficiência, introduzindo inovações, modernizando os métodos de ensino e promovendo um acompanhamento mais atento do currículo pleno nos estabelecimentos (FERREIRA, 2003, p. 32).

Assim sendo, o Supervisor Escolar no processo de ensino e aprendizagem dos educandos, assume ações voltadas para o educador sendo uma de suas obrigações buscando melhoria para o ensino. Para Luck, 2011, p. 21 "A eficácia da ação do supervisor escolar

torna-se, pois diretamente ligada a sua habilidade em promover mudanças de comportamento no professor". No entanto, a assistência do supervisor é fundamental para o educador, pois se não tiver esse apoio que vai contribuir, para desenvolver melhor sua função na sala de aula, quando surgem as dificuldades que pode ser uma das causas importantes impedido a realização no processo educativo.

Do mesmo modo, no decorrer do trabalho pedagógico o educador em termos de conhecimentos pode desenvolver atitudes e habilidades com relação ao ensino e aprendizagem para uma melhoria da qualidade da educação, e o papel do supervisor passa ser de mediador tendo a capacidade de apoiar e auxiliar o mesmo no desenvolvimento de sua prática.

Portanto, as conquista e apoio incondicional da supervisão escolar aos professores que atuam em sala de aula, no início da sociedade primitiva a educação coincidia com a própria vida sendo através de uma ação desenvolvida.

No entanto, Ferreira (2003, p.15) escreveu que: “com efeito a ação educativa era exercida pelo o ambiente, pelo meio, pelas relações vitais desenvolvidas pela comunidade com a participação direta das novas gerações, as quais, por essa o educavam”. O supervisor exercia sua função não só na escola, mas em propriedades públicas ou privadas e também no trabalho escravo.

De acordo com os saberes profissionais que acontece e contribui para a formação continuada de educadores na escola, com um trabalho coletivo e participativo, como uma ação do coordenador pedagógico através do diálogo entre educadores privilegiando suas reflexões.

Segundo Spósito (2005, p.46), esclarece que o supervisor é “[...] ao mesmo tempo mediador e construtor de novos sentidos em conhecimentos”. Assim, o educador em processo de formação em que passa por momento de experiência passando por uma reconstrução profissional ao longo de sua vida, mas o papel do coordenador permite ter uma visão em que os objetivos não possam ser vistos sem uma proposta da equipe escolar.

Supervisionar e administrar as atividades desenvolvidas na formação continuada é um dos focos de fundamental importância no trabalho do gestor. Para tanto, faz-se necessário à criação de rotinas de supervisão e que permita acompanhar o que ocorre em todos os grupos e espaços da instituição, como o, por exemplo: organização do espaço, acompanhamento do professor (NÓVOA, 2002, p. 59).

Assim, a gestão pode construir o projeto pedagógico da escola e garantir uma ação coletiva em conjunto com os conselhos escolares, sendo fundamental num processo

democrático e sua importância para o envolvimento de toda comunidade escolar.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A metodologia escolhida para a construção do trabalho teve seu início com um levantamento bibliográfico impresso e digital sobre o tema, para subsidiar toda trajetória da pesquisa que foi de natureza qualitativa, conforme Rampazzo (2005, s. p), "define como uma busca pela compreensão particular do objeto que se estuda, tendo seu foco voltado ao específico, buscando a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados", A pesquisa qualitativa baseia-se em compreender a relação entre o sujeito e objeto.

#### **3.1 LOCAL DA PESQUISA**

O local que serviu de campo para a pesquisa foi a Escola Estadual do Ensino Fundamental Monsenhor Odilon Coutinho, localizada na Rua Celerina Paiva, s/n- Bairro do Mandacaru, no município de João Pessoa/PB. A escola foi fundada em 1955 denominando-se Grupo Escolar Monsenhor Odilon Coutinho. Essa denominação homenageava ao Monsenhor Odilon Coutinho, Vigário Geral da Arquidiocese da Paraíba. A partir do ano de 1974 passou a denominar-se Escola Estadual de 1º grau Monsenhor Odilon Coutinho.

No ano de 1984 ocorreu uma grande reforma na estrutura física e a escola passou a funcionar autorizada pelo Decreto nº117/84 de 12 de dezembro de 1984 em vigor até hoje. A partir de 01 de janeiro de 1999 por determinação legal, todas as escolas da rede Estadual tiveram que executar mudanças na denominação, passando a denominar-se Escola Estadual do Ensino Fundamental Monsenhor Odilon Coutinho. A escola atende a comunidade urbana e assiste os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no período diurno, com média de 7 a 11 anos de idade.

Até o ano de 2010 funcionava modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA)

primeiro segmento, mas por falta do número de alunos suficiente para o funcionamento regular da turma, no ano de 2011 essa modalidade não foi mais oferecida.

### 3.2 TIPO DE PESQUISA

Optamos por realizar a pesquisa de natureza qualitativa, que têm por objetivo proporcionar uma visão geral do fato, seus resultados apresentam dados que permite ao pesquisador dentro do foco em questão, adequar e escolher as técnicas com uma investigação detalhada. Para essa pesquisa utilizamos a técnica de análise das referências bibliográficas, que é aquela que permite explicar um problema a partir das teorias publicadas em diversos tipos de fontes: livros, artigos, manuais, enciclopédias, anais, tanto impressas como através de meios eletrônicos.

A respeito da pesquisa qualitativa Lüdke (1986), mostra que a sua natureza se baseia no ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Nesse sentido, esta abordagem proporciona um contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente escolar e a situação que está sendo investigada.

Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007).

### 3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos no período em que cursamos a disciplina de Estágio Supervisionado IV, oportunidade surgida quando estávamos fazendo o estágio e através de um diálogo com as educadoras e a observação na sala de aula, foram fundamentais para a escolha do tema. Para as duas educadoras do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, agora denominadas de educadora A e educadora B, foi entregue um questionário com quatorze (14) perguntas que foram respondidas por escrita. A educadora A do 4º ano é formada em Licenciatura em Pedagogia e Psicopedagogia e exerce o magistério há mais de vinte e quatro



anos. A educadora B do 5º ano é graduada em Serviço Social, Licenciatura Plena em Pedagogia, Pós-graduação em Educação e Desenvolvimento em Educação Infantil. Não informou há quantos anos exerce a função de pedagoga.

### 3.4 INSTRUMENTO DE PESQUISA

Ele foi composto de questões fechadas e abertas no intuito de perceber se há coerência entre as respostas e a prática pedagógica demonstrada no período de Estágio. O questionário foi aplicado para buscar resposta e verificar quais as soluções que desenvolveram para superar estas dificuldades.

O questionário, segundo Gil (1999, p.128) pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Assim foi possível realizar a investigação através das respostas obtidas por meio do questionário aplicado para os resultados obtidos.

### 3.5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De acordo com as respostas colhidas através da aplicação do questionário, podemos fazer a análise dos dados à luz dos teóricos e estudiosos da temática do trabalho. Inicialmente perguntamos à educadora A, do 4º ano, e à educadora B, do 5º ano: Quando recebeu seus alunos o que eles já sabiam e quais as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos mesmos?

A educadora A respondeu que eles sabiam o alfabeto, vogais e palavras com sílabas simples, isto se referindo a oito (8) alunos que não sabiam ler. Os vinte e um (21) restantes conseguiam ler, porém sem compreensão textual e com erros ortográficos encontrados nas palavras escritas. Com relação às dificuldades, eles possuíam todas, tanto em Português como em Matemática.

Diante deste quadro, ficou explícito que a turma do 4º ano ao chegar na sala de aula apresentou dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita, fato que não deveria ocorrer,

uma vez que os alunos tiveram três anos para que houvesse o desenvolvimento do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, tempo necessário para o sucesso dessa etapa.

Mas isso está ligado a vários fatores sejam eles culturais, econômicos, políticos e sociais. Além do que, para Tassoni (2008), o conhecimento envolve valores nas interações com as pessoas na forma de agir, pensar e sentir. Por isso, há o reflexo direto na hora de aprender: enquanto uns se aproximam com facilidade do objeto a ser aprendido, outros reagem de forma negativa, não respondendo satisfatoriamente ao esperado. Assim o educador precisa ter essa percepção diante de seus educandos fazendo com que os mesmos possam superar suas dificuldades, com formas apropriadas de abordagens metodológicas.

A educadora B respondeu que, ao receber a base que hoje forma o 5º ano, a maioria dos alunos encontrava-se em fase inicial do processo de aquisição da leitura e da escrita. Liam palavras simples e complexas com modelos de silabação e poucos liam com fluência e com compreensão leitora o que, por extensão, comprometia o trabalho referente aos demais componentes curriculares.

Percebemos que esta turma que chega ao 5º ano com pouco rendimento escolar, reflete um dos problemas que deveria ter sido superado a partir da alfabetização, ocasião em que deveria ter sido feito um trabalho mais efetivo visando desenvolver habilidades para a aquisição da leitura e escrita, na compreensão e interpretação do que leu.

Trazendo isto para a discussão, Sisto (2001), enfoca que as dificuldades de aprendizagem englobam um número heterogêneo de transtornos se manifestando através do meio e por isso ocorre esse atraso nas dificuldades da leitura e escrita soletração e cálculo, em crianças com inteligência potencialmente normal ou superior e sem deficiências visuais, auditivas, motoras ou desvantagens culturais.

Ao serem perguntadas sobre o que fizeram para superar as lacunas diante das dificuldades apresentadas pelos alunos, a educadora A respondeu que começou de onde detectou que havia dificuldade, introduzindo métodos de alfabetização compatíveis com a mesma, tendo o cuidado para não excluí-los nas atividades realizadas com os demais colegas que sabiam ler, e também realizando atividades diferenciadas, de acordo com cada dificuldade. Entendemos que o caminho trilhado pela educadora é compatível com os mais recentes estudos sobre as dificuldades de aprendizagem. Daí a necessidade de cada profissional não se acomodar com a formação inicial que possui, mas continuar na busca de conhecimentos que o ajude a entender e enfrentar os problemas que surgem, no dia a dia, da

sala de aula. A alfabetização é um processo complexo que implica em duas ações distintas mas, não, inseparáveis: alfabetizar e letrar, no contexto das práticas de leitura e escrita.

Quanto à educadora B, respondeu que sua preocupação primeira foi trabalhar o desenvolvimento fluente da leitura e escrita, com foco nos conteúdos que despertassem o interesse e a participação dos alunos e tendo como suporte metodológico, o desenvolvimento de projetos de aprendizagem.

Para esse processo de aquisição do conhecimento acontecesse a contento, foi proposto conteúdos que despertassem o interesse e a participação dos alunos nas aulas que foram aplicadas através de questionamentos e interações desenvolvidos pelos mesmos, pois é na sala de aula, que pode acontecer a troca de experiência influenciando o debate entre educando e educador, através de suporte metodológico em sua prática pedagógica, despertando, na literatura, a aprendizagem com parlendas, trava-língua, produção textual, em que possam superar os problemas, pois Bakhtin (2000), chama a atenção para o fato de que cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados.

Ao serem perguntadas se os alunos conseguem interpretar o que estão lendo, mesmo com dificuldade, a educadora A respondeu que a princípio eles realmente não conseguiam, mas devido ao trabalho que está realizando, eles estão em processo.

A educadora B respondeu que tem trabalhado com muito afinco nas metodologias de leitura em cima das dificuldades que tem detectado.

Assim, a afirmação das dificuldades de leitura em que se encontram seus educandos foi confirmada pelas duas educadoras. Entendemos que cada indivíduo tem um modo diferente de aprender, pois traz consigo suas individualidades, e é importante utilizar métodos que estejam ligados ao seu cotidiano, fazendo com que o mesmo passe a se interessar por diversas situações como jogos, trabalho em grupos, despertando seu interesse e curiosidade na busca pelo conhecimento.

Nos escritos de Barbosa (2009), para saber ler e escrever possibilita ao sujeito seu próprio conhecimento, pois é através do conhecimento em que o sujeito se torna crítico reflexivo compartilhando informações com outros leitores.

Aos serem perguntadas sobre se, diante das dificuldades que surgem na sala de aula, há iniciativa de apoio da Supervisão Escolar, as educadoras A e B responderam que a escola não possui esse profissional e então, não têm apoio de ninguém, que a dificuldade da aprendizagem é também a falta de acompanhamento dos pais.

Sabemos que o papel do Supervisor Escolar é fundamental para contribuir com a prática docente no exercício de acompanhar o trabalho desenvolvido pelo educador, na sala de aula, pois na visão de Lourenço (2009), é preciso dar sentido positivo e consciente à ação da escola, cumprindo suas finalidades diante das realidades, para as transformações sociais. Ele tem também o compromisso de auxiliar os educadores no enfrentamento de situações que se apresentam como empecilhos para uma efetiva aprendizagem. Uma das suas funções primordiais é manter um diálogo que possa engrandecer o crescimento profissional de todo educador, facilitando ou mesmo promovendo momentos de crescimento através de uma política de formação continuada dentro da escola.

Com relação à justificativa de que vê a falta de acompanhamento dos pais como a causa de dificuldades de aprendizagem enfrentada pelos alunos, nos remete a Cunha (2008) quando aponta para o interesse pelo outro, que ele chama de afeto, como o primeiro caminho para uma resposta positiva através da demonstração de que houve aprendizagem. A cobrança da família em vez de ser encarada como algo que importuna quem está aprendendo, deve ser incentivada pela escola, no sentido de estimular os pais a que acompanhem seus filhos exigindo que eles, além de não faltarem as aulas, não deixarem as tarefas de casa sem serem realizadas.

Ao serem perguntadas se utilizam metodologias que envolvam a aprendizagem significativa, ambas responderam que sim. Então, produzir um conhecimento baseado no que os alunos já sabem e contextualizar o que está adquirindo, faz com que eles entendam que não estão perdendo tempo na escola, mas que diante de si está surgindo a perspectiva de uso do aprendido e de uma consequente melhoria de vida.

Evidenciamos que o papel do educador é, de fato, desenvolver uma aprendizagem significativa, trazendo os conhecimentos anteriores de seus educandos, refletindo sobre os novos conteúdos para sua aprendizagem

Ao serem perguntadas se estão se atualizando, ambas responderam que sim, por entenderem que este é um dos pré-requisitos para o exercício do magistério.

Diante das transformações que ocorrem na educação é preciso que o educador esteja sempre buscando na formação continuada, novos conhecimentos pedagógicos conscientizando-se do seu papel de transformador e mediador da realidade dos problemas que surgem na sala de aula.

Na visão de Ferreira (2003) os educadores precisam estar sempre se atualizando buscando eficiência com inovações, modernizando-se nos seus métodos de ensino e promovendo um acompanhamento mais atento do currículo nos estabelecimentos. Vivenciar novos conhecimentos que surgem diante das transformações que acontecem no mundo contemporâneo e sua principal função, é ensinar e proporcionar momentos agradáveis na sala de aula.

Ao responder à pergunta sobre se participam da formação continuada, ambas responderam que sim, a primeira alegando é que professora formadora, também, e a segunda que participa das formações oferecidas pela Secretaria da Educação do município de João Pessoa.

Constatamos que as duas educadoras buscam na formação continuada, suporte em que possam contribuir com novos conhecimentos no exercício de sua profissão possibilitando assim, compreender que é através de um trabalho coletivo que pode encontrar soluções para os problemas que acarretam todas as dificuldades de aprendizagem, realizando ações que contribuam para a superação de todas as dificuldades, inclusive de leitura e escrita.

Nas observações que fizemos durante o período de estágio pudemos perceber a dedicação das educadoras no trato com seus alunos. A educadora A ao recebê-los no início da aula, realizava o momento do acolhimento e do painel das emoções. Ela perguntava a cada um como estava, como tinha começado seu dia e ouvia as respostas: uns diziam que estavam alegres, outros tristes, outros com raiva e após, fazia uma reflexão sobre o motivo da tristeza. As ações da educadora, neste momento, indicam o quanto é preciso estar atento aos problemas que cercam os alunos ao chegar à escola, pois para que ocorra a aprendizagem, é preciso que eles estejam disponíveis para aprender e uma prática pedagógica que priorize o bem-estar de quem está aprendendo, é o caminho para a superação das dificuldades que surgem com relação também à aprendizagem da leitura e escrita.

É importante que os educandos sejam acolhidos, com laços afetivos no ambiente escolar, em que a afetividade se faça presente para o desenvolvimento do ser humano e seus interesses sejam construídos adquirindo competência, superando a dificuldade da leitura adquirindo capacidade para desenvolver a escrita, tornando um ambiente construtivo de novos conhecimentos interagindo nas relações interpessoais, pois a luz dos teóricos, a afetividade faz parte do desenvolvimento cognitivo e social interagindo na autoestima para a superação das dificuldades que surgem ao desenvolverem sua aprendizagem.

Para Wallon (1971), a afetividade faz parte da construção do ser humano no convívio com o meio e para Tassoni (2008), toda aprendizagem está impregnada de afetividade, envolvendo educadores e educandos com os conteúdos escolares, livros, escrita, valorizando as interações no cotidiano.

Numa das nossas visitas à sala de aula da educadora B, ela nos relatou que no início do ano letivo percebeu a dificuldade dos alunos na aprendizagem da leitura e escrita, então passou a desenvolver esses momentos de ensino, atrelando o conteúdo ao que provocava interesse e participação, dando oportunidade para que os questionamentos surgissem através deles próprios, de maneira a influenciar o envolvimento de todos, oportunidade em que conseguia desenvolver projetos de aprendizagem com parlendas, trava-língua e produção textual.

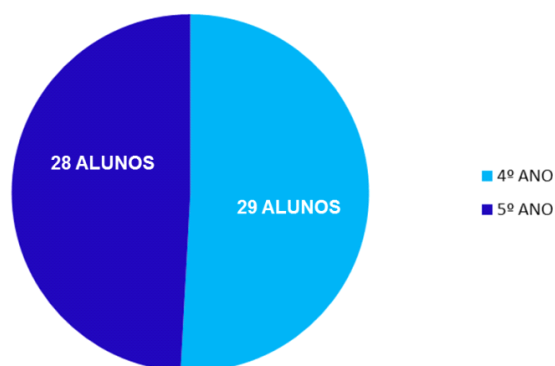
Entendemos, pois, que o ambiente escolar é importante para que os alunos sejam acolhidos, e o papel do educador é fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem e para que sejam incentivados através da leitura, adquirindo competência para a escrita, tornando um ambiente construtivo de novos conhecimentos, interagindo nas relações interpessoais fortalecendo os laços afetivos no ambiente escolar.

Assim é fundamental que os educadores desenvolvam estratégias corretas para diminuir a defasagem no ensino escolar, mas nada disso faz sentido se eles, em geral, não desenvolverem a afetividade na sala de aula nas relações educador educandos, pois a luz dos teóricos a afetividade faz parte do desenvolvimento cognitivo, social interagindo na autoestima para a superação das dificuldades que surgem ao desenvolverem sua aprendizagem.

Com relação aos dados coletados referentes às turmas das duas educadoras, elas somam um quantitativo de cinquenta e sete (57) alunos (Gráfico 1), sendo vinte e nove (29) do 4º ano e vinte e oito (28) do 5º ano.

### **Gráfico 1 -. Total de alunos das duas turmas juntas**

### NÚMERO DE ALUNOS POR TURMA



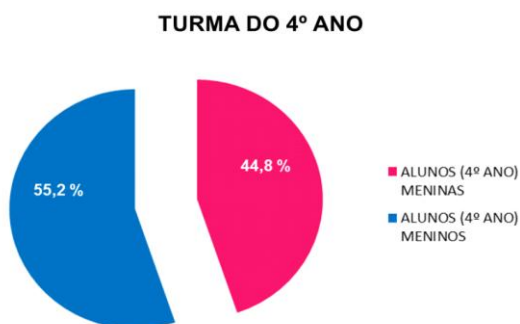
**Fonte:** Dados da pesquisa, 2017

Analisando o perfil traçado pela educadora A da turma do 4º ano com vinte e nove (29) alunos, nos aponta para duas realidades: a primeira é inquietante, quando há o registro de que, dos alunos que chegarem à sala, vinte e um (21) conseguiam ler, embora sem compreensão textual e escreviam com erros ortográficos, e oito (8) apenas conheciam o alfabeto. A segunda é preocupante, quando percebemos que após sete anos de vigência de uma lei que estipula três anos para o chamado “ciclo de alfabetização”, devendo a criança estar apta para ler e dominar os primeiros conhecimentos matemáticos constatamos que não houve sucesso.

A mesma inquietação prossegue com os dados coletados mediante informação da educadora B, que tem um total de vinte e oito (28) alunos: a maioria se encontra em fase inicial do processo de aquisição da leitura e da escrita. O que nos ocorre vai além do exposto no parágrafo anterior: seu ingresso nos Anos Finais do Ensino Fundamental no próximo ano. Como se já não bastasse o impacto da mudança em todos os sentidos, acresce o fato de não dominar a compreensão dos conteúdos que terá de aprender mediante a leitura.

Com relação ao número de meninos e de meninas, no 4º ano são dezesseis (16) (55,2%) do sexo masculino e treze (13) (44,8%) do feminino (Gráfico 2).

### Gráfico 2 - Distribuição dos alunos na turma do 4º ano por sexo

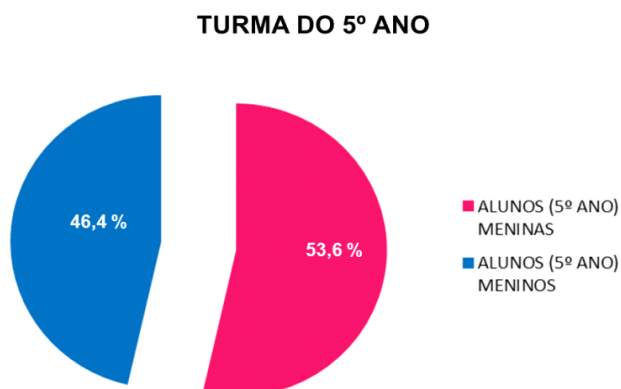


**Fonte:** Dados da pesquisa, 2017

A faixa etária da primeira turma citada é de nove (9) a treze (13) anos e a da segunda é de dez (10) a treze (13) anos. Nesta faixa etária os estudiosos da temática do trabalho afirmam que se o educador usar uma prática que vá despertar o interesse em aprender, não ocorreria o que está sendo constatado através da nossa pesquisa. Wallon (1995) afirma que há etapas claramente diferenciadas no desenvolvimento humano e em decorrência disto, é que se pode perceber que existem em cada idade, comportamentos próprios que leva a criança a interagir mais fortemente com um ou outro aspecto de seu contexto, retirando dele os recursos para o seu desenvolvimento.

Com relação ao número de meninos e de meninas no 5º ano, são treze (13) (46,4%) do sexo masculino e quinze (15) (53,6%) do sexo feminino (Gráfico 3).

**Gráfico 3 - Distribuição dos alunos na turma do 5º ano por sexo**





**Fonte:** Dados da pesquisa, 2017

Não podemos deixar de comentar que na época do Império da República, o ensino era só para os meninos. As primeiras escolas foram edificadas com o propósito de acolher apenas os meninos que eram ensinados por professores homens, mais especificamente, religiosos. Estes meninos eram oriundos de famílias da classe mais abastada financeiramente.

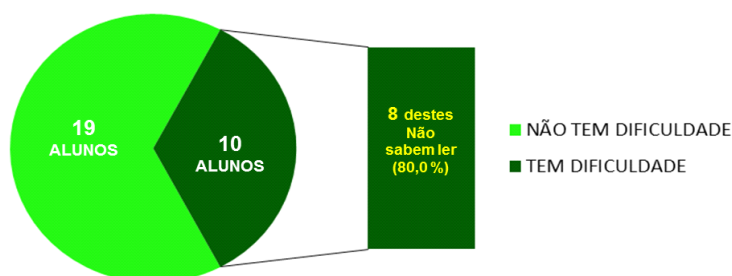
Quanto às meninas, acreditava-se que elas poderiam passar muito bem sem ir à escola. Recebiam em casa todas as instruções e ensinamentos a respeito de realizar apenas o trabalho doméstico. Quando elas puderam ser acolhidas na escola, o ensino era ministrado apenas por mulheres, também religiosas. Tinham poucas disciplinas de teor científicos sendo os trabalhos manuais, etiquetas, canto, entre outras.

Outro dado é que a escola avançou no sentido de permitir a todos o acesso à educação formal, sendo os meninos e meninas pobres assistidas pelo governo através do fornecimento de vestuário e material escolar e a obrigatoriedade dos pais em mantê-los frequentando as aulas.

Com relação aos alunos do 4º ano com dificuldade na leitura e escrita, 19 conseguem ler mesmo não compreendendo o significado das palavras, dez (10) têm dificuldades da seguinte ordem: só três (3) conseguiam ler com bastante dificuldade e sete (7) estavam sendo alfabetizados (Gráfico 4).

**Gráfico 4 - Distribuição dos alunos do 4º ano por dificuldade leitura e escrita**

### DIFICULDADE DE LEITURA E ESCRITA (TURMA DO 4º ANO)



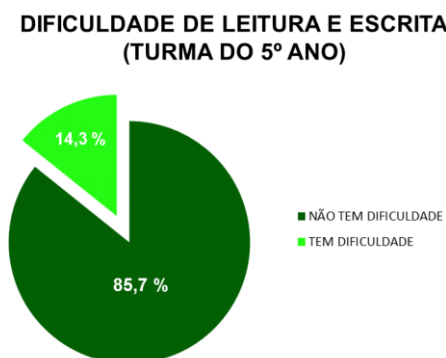
**Fonte:** Dados da pesquisa, 2017

Durante nossas visitas à escola, observando atentamente os alunos dentro da sala de aula, nos momentos em que estavam participando ativamente das atividades propostas pela educadora, não percebemos se entre os que não estavam ainda alfabetizados, havia movimentos ou atitudes que demonstrassem que o aluno tinha alguma deficiência. Pelo contrário: todos eram muito ativos, falavam alto, gritavam, corriam na hora do intervalo, tudo normal.

Podemos inferir que talvez o ritmo de aprendizagem destes sete alunos seja mais lento do que o dos outros seus colegas, e pelo motivo das cobranças para que se avance na programação planejada para o ano, os leve sempre a serem deixados de lado, por receio do não cumprimento do que foi estipulado.

No que se refere aos alunos do 5º ano com dificuldade na leitura e na escrita, só 14,3% tem dificuldade, mas não são considerados analfabetos (Gráfico 5).

**Figura 5: Distribuição dos alunos do 5º ano por dificuldade de leitura e escrita**



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2017

De acordo com estes dados, compreendemos que o exercício da função docente é desafiador porque o educador precisa ter um olhar para a realidade de cada educando, para poder elaborar um planejamento voltado para a necessidade e interesses do mesmo. Além disso, o educador tem que se autoavaliar para refletir em sua prática pedagógica, a fim de superar as dificuldades de seus educandos, pois em certos casos não dispõe de um profissional capacitado para lhe auxiliar quando surgem os problemas das dificuldades de aprendizagem. Sabe-se que a partir da educação infantil as crianças precisam ser estimuladas a desenvolverem uma aprendizagem de forma lúdica adquirindo habilidades na construção do seu conhecimento.

Segundo Ferreiro (2000), o primeiro ano da vida escolar é básico e decisivo, com reflexos não só na alfabetização, mas no estímulo que o impulsionará durante toda a escolaridade posterior. Assim, é preciso valorizar os conhecimentos já existentes no cotidiano dos educandos. Ao chegarem à escola, eles encontram um ambiente totalmente diferente da realidade deles, então é preciso que sejam recebidos de maneira calorosa proporcionando um relacionamento em que se faça presente a afetividade na sala de aula contribuindo para uma melhor aprendizagem.

#### **4. CONCLUSÃO**

Diante das observações realizadas através da pesquisa de campo e dados coletados num questionário aplicado, com duas educadoras do 4º e 5º ano, foi possível compreender a importância da afetividade, na superação das dificuldades da leitura e escrita. Podemos

afirmar diante dos resultados obtidos, que o educador no exercício de sua prática pedagógica na sala de aula desenvolveu laços afetivos possibilitando uma interação de troca de saberes entre ambos tornando o ambiente agradável. Pois sabe-se que a maioria das crianças são atingidas por problemas familiares em casa.

Diante dos problemas que surgem dentro da sala de aula é preciso que os educadores estejam atentos as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos seus educandos. Elas demonstraram conhecimento e bastante dedicação com os alunos no momento em que foram realizadas as aulas. Presenciamos momentos de atitudes que iam além da exposição de conteúdo, mas que permitiam que os educandos pudessem expressar suas opiniões, mesmo que seu ponto de vista fosse incorreto, contribuindo com o processo de ensino e aprendizagem.

A teoria de Wallon e autores citados no referencial teórico, nos deu a compreensão de que a afetividade é um fator fundamental na construção do sujeito. É entendida como instrumento de sobrevivência do ser humano, pois corresponde à primeira manifestação do psiquismo, propulsiona o desenvolvimento cognitivo ao instaurar vínculos imediatos com o meio social, abstraindo deste o seu universo simbólico, culturalmente elaborado e historicamente acumulado pela humanidade.

Portanto, concluímos nossa pesquisa com o entendimento de que é necessário que os educandos sejam acolhidos e estimulados a desenvolverem o sentimento da afetividade, interagindo com as outras crianças, na construção do saber. Entendemos, também, que no processo de ensino e aprendizagem é preciso perceber que cada um possui uma realidade diferente da realidade do outro. E as influências das relações afetivas proporcionam um bom desenvolvimento entre ambos, na comunicação através da leitura, trocando experiência entre o educador e educando desenvolvendo habilidade no processo da escrita.

Por todos os aspectos observados e estudados, percebemos que o letramento está ligado ao exercício de desenvolver a tecnologia da escrita, precisando de competência para ler produzindo textos reais. São inseparáveis duas ações distintas entre o alfabetizar e o letrar, ensinando a ler e escrever letrando. A partir do momento que vão lendo estão adquirindo conhecimento e desenvolvendo a capacidade de interpretar e analisar a mensagem escrita, logo se abrirá um leque de informações que irá dar oportunidade à criança de construir sua própria linguagem.

Acrescentamos que, apesar da evolução tecnológica e o acesso à internet, a maioria dos educadores não está preparada para o uso das ferramentas apropriadas para inclui-las na sua prática pedagógica. A tecnologia mudou totalmente o comportamento da sociedade. Diante desse desafio surgido na sala de aula, constata-se que a tecnologia passou a fazer parte da convivência desde a infância e ao chegar à escola a realidade de muitos não acompanha essas inovações que acontecem rapidamente através da comunicação social.

Mas é preciso estar atento a essa linguagem moderna, que circula nas redes sociais interferindo no desenvolvimento da língua padrão. Apesar do desenvolvimento no campo educacional, ainda persiste o fracasso escolar que foi um problema ocorrido nos anos iniciais chegando ao término do ensino fundamental com dificuldades de entender uma produção textual valorizando as funções sociais da escrita que é uma aprendizagem ligada aos planos conceitual, procedimental e atitudinal, e que poderia ter acontecido a partir do primeiro momento ao frequentarem a escola, se fosse desenvolvida uma educação de qualidade.

Esperamos que este trabalho possa ter continuidade, uma vez que o problema é frequente e precisa de solução. A sala de aula é um espaço de desafios e quem escolhe o ofício de educador precisa manter acesa a chama do prazer de ensinar. Atrelado a isto, está o afeto, sentimento que o educador demonstra quando fala sobre o que está ensinando com entusiasmo, caminho propício para a aprendizagem de qualquer conteúdo, incluindo a aprendizagem da leitura e da escrita.

## REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**, 3. Ed. (1953--1, ed.) Trad. Maria Ermantina Galvão São Paulo: Martins Fontes, 2000.5555.

BARBOSA: José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2003.

BARBOSA, Laura Monte Serrar. **A psicopedagoga no âmbito da instituição escolar**. Curitiba: Expoente, 2001.

BRASIL – **Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais línguas portuguesa**/Secretária de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

BOSSA, NADIA A. **Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como tratá-las?** Porto Alegre: ArtMed, 2000. Acesso em 30-09-2917

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística** / Luiz Carlos Cagliari – São Paulo:

Scipione, 2009. (Coleção pensamento e ação na sala de aula)

CAMPOS, Dinorah. **Psicologia da Aprendizagem**. 30º ed. Petrópolis: Vozes, 1987

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no Afeto**. 8º. São Paulo: gente. 2001.

CODO, Wanderley. **Educação: Carinho e Trabalho**, Petrópolis: Vozes, 1999.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, Relação de Amorosidade e Saber na Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak 2008.

CURY, Augusto. **Pais Brilhantes, professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sestante, 2008.

FERREIRA, Naura Silva C. **Supervisão Educacional uma Reflexão Crítica**. 11 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FERREIRO. Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

KLEIMAN, A. **Modelos de Letramento e as Práticas de Alfabetização na Escola**. In:

KLEIMAN, A. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-

LAJOLO, Marisa. **Tecendo a leitura. Leitura: Teoria e Prática**. Campinas, Ano 3, n.º 3, p. 3-6, jul. 1984.

Letramento e alfabetização: as muitas facetas - SciELO  
www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-24782004000100002 de M  
Artigos relacionados -Citado por 1 - 2004 -Soares . Acesso em 09-07-2017

LIBÁNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas Exigências Educacionais e Profissão Docente**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção questões da nossa época; v.67).

LOURENÇO, Rogério Vieira. **O Supervisor Escolar e a sua Relação com o Processo Educativo. Anuário da Produção Acadêmica Docente**. Vol.III, nº04, 2009. Disponível em: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/anudo/article/viewFile/934/711>. Acesso: 08-09-2017

LUCK, HELOISA, **Ação Integrada: administrativo, supervisão e orientação educacional**. 28 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: 2011.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Maria Helena. **O Que é leitura**. 6. Ed. São Paulo:

MENDES e JUNQUEIRA, L. A. C. **Comunicação sem medo**. São Paulo: Gente, 1999.

MORAIS, Antonio Manuel Pamplona, **Distúrbios da Aprendizagem; Uma Abordagem**

Psicopedagógica. São Paulo: Edicom, 1996.

\_\_\_\_\_, Antonio Manoel Pamplona. **Distúrbios de aprendizagem: uma abordagem** Psicopedagógica. 12. Ed. São Paulo: EDICON, 2006.

MOREIRA, Marcos A. **Teorias da aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. **Textos de História**, vol. 8, nº ½, 2000.

NÓVOA, Antônio. **Formações de Professores e profissão docente**. Lisboa. Dom Quixote, 2002.

NUNES, Teresinha. **Dificuldade na Aprendizagem da Leitura**: São Paulo: Cortez, 1992.

Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.17, n.2, p.365-381, jul./dez., 2012 Acessado em 22-09-2017 da referência de Martins.

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. **Leitura em sala de aula: A Formação de Leitores Proficientes**. RN, 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com>. Acesso em 22-09-2017.

RAMPAZZO, Lima. **Metodologia Científica**. 3ª Ed. São Paulo: Loyola 2005.

SALTINI, Cláudio J. P **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro, Wak, 2008.

SCIELO:[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881999000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100004) Acesso em 18/11/2017.

SISTO, F.F (2001) **Avaliação da Aprendizagem**: Uma Questão em aberto. In: SISTO, F.F; DOBRANSKY, E. A; MONTEIRO, A (Orgs) cotidiano escolar: questões de leitura matemática e aprendizagem. Bragança Paulista: vozes.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_, Magda. **Letramento: Tema em Três Gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e Aprendizagem: A Relação Professor-Aluno**. IN: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23, 2000, Caxambu - MG. Anais da Reunião Anual da ANPED. Caxambu: ANPED, 2000. P1-17.

TRINDADE, Ana Paula Pires. **Processo histórico da escrita e sua importância na formação do sujeito**.

[http://www.planetaeducacao.com.br/portal/gepi/processo\\_historico\\_da\\_escrita.pdf](http://www.planetaeducacao.com.br/portal/gepi/processo_historico_da_escrita.pdf)> Acesso em 27-09-17.

UFPEL:<https://wp.ufpel.edu.br/.../Desenvolver-a-competencia-leitora-desafio-ao-professor.pdf>. Acesso em 17-10-2017.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Construção do Conhecimento em Sala de Aula**. 16.

Ed. São Paulo: Libertad, 2005.

WALLON, H. **As Origens do Caráter da Criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971,

\_\_\_\_\_**Do ato do Pensamento Ensaio da Psicologia Comparada**. Lisboa, Portugal: Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_**Conceito de Afetividade**. Publicado em Nova Escola Edição 246,01 de Outubro de 2011. Disponível em <https://nova-escola.org.br/conteúdo/264/0>. Acesso em 22 de fevereiro de 2017.

\_\_\_\_\_**Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa. Estampa.

ZABALA. Antoni. **A Prática Educativa: Como Ensinar**. Porto Alegre: Ahmed, 1998.

## APÊNDICE 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

## QUESTIONÁRIO



## **I PARTE-CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA**

### **DADOS PESSOAIS**

Idade: 18 a 28 ( )

29 a 39 ( )

40 a 50 ( )

60 a 70 ( )

Sexo: Feminino ( ); Masculino ( )

Nível de escolaridade:

Segundo Grau completo ( ); Superior ( ); Outro ( )

Estado civil:

Solteiro(a) ( ); Casado(a) ( ); Viúvo(a) ( ); Divorciado(a) ( ); Outro ( ).

Nacionalidade:

Brasileira ( ); Estrangeira ( ); Outra ( ).

### **FORMAÇÃO ACADÊMICA:**

Qual o seu grau de instrução? Médio ( ) Superior ( )

Superior Pós-Graduação ( ) Sim; ( ) Não

Se você assinalou Sim responda: Aperfeiçoamento ( ) Especialização ( )

Mestrado ( ) Doutorado ( ) Pós- Doutorado ( )

Você tem curso superior em Pedagogia? \_\_\_\_\_

Quantos anos têm de experiência como professor? \_\_\_\_\_

### **DADOS DA ENTREVISTA FEITA COM AS PROFESSORAS DE ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL LOCALIZADA EM JOÃO PESSOA/PB.**

1. Qual a sua formação?
2. Quantos alunos são matriculados nessa turma do 5º ano?
3. Há quanto tempo está com esta turma?
4. Quando recebeu esses alunos o que eles já sabiam e quais as dificuldades de aprendizagem

enfrentadas pelos mesmos?

5. Se sim, o que a senhora fez para superar esta lacuna?

6. Qual faixa etária dos alunos?

7. Quantos meninos, e quantas meninas?

8. Todos já chegaram alfabetizados?

9. Quantos alunos apresentam dificuldades na leitura ou escrita?

10. Os alunos conseguem interpretar o que estão lendo?

11. Que dificuldades surgem na sala de aula, e se tem apoio da supervisora?

12. Utiliza aprendizagem significativa?

13. Está se atualizando?

14. Participa da formação continuada?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO - TCLE**

**Pesquisa:** A Importância da afetividade para a Superação das Dificuldades na Aprendizagem da Leitura e Escrita.

**Orientador(a):** Profª Esp. Isolda Ayres Viana Ramos

**Nome do(s) Pesquisadores assistentes/alunos:** Maria Araújo dos Santos

A Sra. (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa, para a finalidade de colher informações obtidas nesse estudo que são estritamente confidenciais, portanto, será identificar e analisar a Importância da afetividade para a Superação das Dificuldades na Aprendizagem da Leitura e Escrita. Sua participação dar-se-á através de sua colaboração respondendo um questionário. Será mantido o sigilo sobre seu nome ou sobre algum dado que o identifique, sendo somente a pesquisadora e a orientadora terão conhecimento. Não haverá nenhum risco ou desconforto ao participante, assim a Sra. (sr.) poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo. Contudo, antes de prosseguir, de acordo com o disposto nas resoluções 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde, faz-se necessário documentar seu consentimento. Ao final dessa pesquisa, serão utilizadas em pesquisa e em futuras publicações. O pesquisador (a) estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário podendo entrar em contato pelo e-mail: ([mariasantos@hotmail.com](mailto:mariasantos@hotmail.com)), ou pelo número (83) 98795-1552. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos obtidos neste estudo. João Pessoa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

---

Profª Esp. Isolda Aires Viana Ramos - Orientadora

---

Maria Araújo dos Santos – Pesquisadora